

A Missão Virtual

Saara Nousiainen

Baseado no roteiro cinematográfico de longa metragem *O Desafio Virtual* premiado, junto com outros 14 roteiros, como “Os Melhores Roteiros Cinematográficos de Longa Metragem” pelo Ministério da Cultura em 1997.

Autoria: Saara Nousiainen

Capítulo 1

O presentão

A aula está custando a terminar. Gilberto conta os minutos no relógio de pulso que ganhou dos pais em seu aniversário de catorze anos, na semana anterior. Não, que desgoste de estudar, bem ao contrário. Junto com a Dinah, são os melhores da classe. Dinah é melhor em português, mas, em compensação, ele é melhor em matemática. Estão empatados.

Consulta mais uma vez o relógio. Faltam três minutos. Começa a guardar as coisas na mochila, pensando:

- Que será que o papai vai nos dar de presente? Ele prometeu um presentão. Se é o que estou pensando...

A expressão de Gil ilumina-se com a perspectiva. É um bonito garoto. Os olhos castanhos e o cabelo meio encaracolado, dão-lhe um ar sonhador. Tem duas grandes paixões na vida: pegar onda e navegar na Internet. Mas pegar onda, só nas férias, e a Internet... apenas de longe em longe, quando vai ao escritório do pai, seu Reynaldo Praxedes. No colégio, os computadores só são utilizados para aprendizagem.

Alguém arranha a janela ao lado. Gil vira o rosto e vê, no lado de fora, a cara de Serginho, seu irmão mais novo.

- Mas é muito cara-de-pau, esse meu irmão, pensa. - Garanto como pulou a janela.

Serginho faz um sinal com a mão, chamando-o. Gil observa que a professora está de costas. A tentação é grande. Resolve esquecer a disciplina por esta vez, levanta de mansinho, pula silenciosamente o batente e afasta-se rápido, puxando o irmão pela mão.

- Temos que esperar a Teca - diz Serginho.

Gil refreia a impaciência, senta-se sobre a mureta do jardim, enquanto comenta:

- Por sorte estudamos os três no mesmo colégio.

Serginho senta-se a seu lado. Magro e miúdo, tem nove anos, mas aparenta

uns sete. É inteligente e estudioso, tirando sempre boas notas. O rosto meio comprido e as orelhas de abano dão-lhe uma cara muito engraçada. O cabelo quase louro é encaracolado e os olhos cor de amêndoa exprimem sinceridade. Sem ser bonito, é uma figura agradável e muito simpática. Traz um brilho natural de alegria nos olhos e um sorriso quase eterno. Vive tirando brincadeiras com a Teca, deixando-a furiosa.

- Só quero que a Teca se desgrude da preguiça e não demore - comenta Gil.

- A Teca e a preguiça nasceram juntas. Não tem quem separe. Sou capaz de apostar que ela...

Serginho não termina a frase. Lá vem a Teca, dobrando a esquina do jardim.

Os dois garotos levantam e vão juntar-se à irmã na calçada, seguindo para casa, num passo apressado. Teca, com seus doze anos, é uma menina muito bonita. Tem o rosto cheio, dentes perfeitos e um sorriso simpático, quando se encontra bem-humorada. É a única que puxou os olhos azuis da mãe, dona Selma. A pele morena e o cabelo castanho, muito fino e ondulado contrastam com a cor dos olhos. É boa aluna, apesar da preguiça.

Os três chegam em casa esbaforidos.

- Mamãe, o papai já chegou? - Vai logo perguntando Gilberto.

Dona Selma sorri, olhando os filhos. Sente-se orgulhosa deles. Não é toda mãe que tem uma trinca como aquela; estudiosos, educados, carinhosos...

- Que afobação é essa? - pergunta.

Os três ficam olhando para ela com ar tão expectante que cai na risada. Por fim,

responde:

- Não, ele ainda não chegou...

- Será que vai demorar? - pergunta Serginho.

- Que horas ele vai chegar? - indaga Gilberto.

- Tenham calma que o papai não demora - responde dona Selma, beijando os três, um a um. - Agora vão tomar banho e mudar essa roupa. O jantar está quase pronto.

As crianças começam a sair devagar, com má vontade, quase decepcionadas. Passaram a tarde toda olhando o relógio, à espera daquele momento.

Nisso, um veículo pára em frente à casa.

- É o carro do papai - exclama Serginho.

Os três partem correndo para abrir a porta da garagem. Outros minutos de expectativa e por fim, depois do veículo estacionado, seu Reynaldo abre o portamalas onde estão algumas caixas.

- É um computador! - arrisca Teca.

- Óbaaa... um computador! - festeja Serginho, entusiasmado

- Acertaram - diz seu Reynaldo. - É um computador com tudo a que se tem direito: multimídia, acesso à Internet e tudo o mais.

Gilberto está mudo de tão contente. Era tudo o que tinha sonhado. Os três cercam o pai com beijos e abraços de gratidão. Instantes mais tarde, os quatro chegam com as caixas na sala de estudo.

- Eu só quero uma coisa de vocês! - diz seu Reynaldo, com ar sério. - Que não

briguem... e usem o computador para estudar.

- Só para estudar? - reclama Teca.

- Mas, pai... - começa Gil com expressão aflita.

- Não, filhos. Não é só para estudar. Mas principalmente para aprender e... Internet, só nos domingos, para não aumentar a conta do telefone.

Vendo que o pai faz menção de sair, Gilberto pergunta, com uma ponta de decepção na voz:

- O senhor não vai ligar?

- Não, filho. Isto é trabalho para o técnico. Agora vão tirar esses uniformes e tomar um banho.

As crianças obedecem, enquanto seu Reynaldo se encarrega de levar embora as caixas vazias.

Capítulo 2

Ashtarih

No dia seguinte, que é sábado, logo cedo, o técnico chega para instalar o aparelho. Cada gesto seu é acompanhado por três pares de olhos ansiosos.

- Esta parte aqui, parecida com uma caixa é o CPU, explica o homem. - É o coração e o cérebro do computador.

- Este aqui é o monitor – diz Gilberto para os irmãos, ansioso por mostrar seus conhecimentos sobre o assunto. - É onde nós podemos ver tudo que o computador diz ou mostra.

- Ora, não seja bobo, Gilberto – intervém Teca. - Você não sabe que eu tenho aulas de informática no colégio?

Gilberto fulmina a irmã com o olhar, por tirar-lhe o prazer de mostrar seus conhecimentos. O técnico, para evitar uma briga entre os irmãos, continua:

- E aqui estão o teclado e o mouse.

- Eu sei porque isso tem o nome de mouse - diz Serginho com ar orgulhoso. - Mouse é rato em inglês, e isso aí⁴parece um ratinho.

- É isso mesmo - confirma o técnico. Termina a instalação, verifica que tudo está em ordem e sai.

Gilberto senta-se diante do micro, com ar de conhecedor, embora o coração esteja aos pulos.

Dona Selma e seu Reynaldo entram na sala e ficam parados junto à porta, abraçados, olhando os filhos com um sorriso nos lábios. Dá para ver que apesar dos muitos anos de convívio continuam apaixonados um pelo outro.

Dona Selma aproxima-se, perguntando:

- E então, estão contentes?

- É massa!... Superlegal! - exclamam as crianças.

- Nós já estamos indo - diz seu Reynaldo.

Dona Selma, com ar preocupado, acaricia as cabeças dos filhos:

- Vocês vão mesmo ficar bem, sozinhos?

- Não se preocupem... a gente se garante - afirma Gilberto.

Teca, carinhosa, vai abraçar a mãe e depois o pai:

- Nós já somos bastante grandinhos... Podem viajar tranquilos.

Serginho abre um sorriso maroto, dizendo:

- Eu não sei bem o que é isso de segunda lua-de-mel, mas... deve ser muito bom. E vocês merecem.

Teca tem certa “pinimba” com Serginho porque ele é muito popular por sua gaiatice e constante alegria. Dá-lhe-lhe um cocorote, reclamando:

- Deixa de ser puxa-saco. Claro que eles merecem... nem é preciso nem dizer.

- Olha o que eu disse sobre as brigas - reclama seu Reynaldo. - Quero vocês amigos uns dos outros.

O casal parte depois das despedidas e de muitas recomendações e as crianças voltam suas atenções para o computador, viajando pelas páginas que vão se sucedendo no monitor.

De repente aparece uma porta fechada, onde está escrita a palavra “Desafio”, e ao lado os dizeres: “Parabéns. Você conseguiu encontrar o Desafio, chegou à primeira porta. Para continuar clique na fechadura da porta.”

Gilberto segue a instrução e a porta se abre mostrando uma sala de aula, com o professor diante de um grupo de alunos.

- Muito bem, diz o professor. Parabéns aos novos alunos do nosso curso de idiomas...

Não termina de falar porque a tela congela. As crianças olham-se apreensivas. Será que o computador pifou?

- Dá “enter” para ver se acontece alguma coisa - diz Teca, com ar decepcionado.

Gil atende e a tela fica escura.

- Essa não! - exclama Serginho, contendo a custo as lágrimas.

Mal acaba de falar surge na tela uma luz azul com franjas douradas. Aos poucos começa a girar formando um rodãozinho. As crianças observam que aquilo não está acontecendo apenas na telinha do monitor, mas também no próprio ambiente da sala. Tudo passa a girar cada vez mais depressa e os três são sugados para dentro do computador. O rodãozinho pára e eles percebem que estão num grande salão

semicircular, uma espécie de teatro. Só que em vez de cadeiras há nos largos degraus, pequenos camarotes. À frente, um palco com arranjos de flores raras, plantas exóticas e uma mesa com três caixas contendo objetos estranhos. As paredes, em tons de azul e pérola, vão se fechando para cima em funil, até formarem pequena abertura no alto. Por essa abertura penetra um feixe de luz que vai mudando lentamente de cor: azul, verde, rosa e dourado, refletindo-se nas paredes e nos camarotes fazendo belos efeitos cromáticos. Os camarotes estão quase todos ocupados por grupos de 3 ou 4 crianças, aparentando entre 8 e 14 anos. Todas demonstram estranheza em suas expressões.

Uma música alegre toca baixinho e aquela estranha platéia permanece quieta, em grande expectativa. De repente a música pára e no meio do palco aparece uma luz dourada que rapidamente se transforma numa menina de uns 12 anos. É muito bonita. Tem a expressão serena e meiga mas firme, e nos olhos muito azuis, surgem vez por outra reflexos dourados. Que magnífica figura! As crianças estão maravilhadas.

A menina sorri.. Um sorriso lindo, espontâneo, e diz:

- Eu sou Ashtarih, e represento o Comando do nosso sistema solar.

A voz tem um timbre cheio, gostoso de se ouvir. Percebe-se que ela está acostumada a liderar e falar a grandes platéias. Continua:

- Vocês podem me fazer perguntas... é só levantar a mão.

Um garotinho levanta a mão. Ashtarih faz um gesto convidando-o a falar.

- Eu pensei que isto fosse em curso de idiomas com prêmios para os vencedores.

- É verdade. Só que vocês foram escolhidos para uma missão... Se concordarem... é claro.

Ashtarih faz pequena pausa e continua:

- Vocês estão sendo convocados, junto com muitos outros grupos de crianças, para ajudarem a Terra.

Essa informação é tão inesperada que todos ficam boquiabertos. Finalmente, alguém pergunta:

- Ajudar a Terra?

Ashtarih vai percorrendo os camarotes com o olhar, enquanto fala com muita seriedade.

- Exatamente. Este planeta tem evoluído muito nos últimos anos. Milhões de pessoas querem ver a Terra como um grande lar onde todos possam viver bem.

Uma menina levanta a mão, e diz:

- Isso é verdade. Mas acho difícil porque a violência está crescendo demais.

Um garotinho moreninho levanta a mão e acrescenta:

- E não é só a violência. A corrupção também. Até parece que no mundo só tem desonesto.

Outro menino, aparentando uns 12 anos, diz por sua vez:

- Eu acho que o pior são as drogas. Lá no meu colégio é só o que dá.

Serginho cria coragem e levanta a mão. Quando vê que todos estão olhando para ele fica meio encabulado mas dá o recado, falando de jeito engraçado.

- Pois é... Eu acho que desse jeito o mundo vai é se ferrar...

É uma risada só, desde Ashtarih até a última das crianças. Quando silenciam, ela continua:

- Vocês sabem por que as coisas na Terra estão desse jeito? É porque milhões de pessoas curtem a violência. Outros tantos milhões são desonestos e gananciosos, e seus pensamentos e emoções estão criando em torno do planeta uma faixa de energia muito perigosa.

Faz pequena pausa, observando o ar de preocupação que vai se formando em todos os rostos e pergunta:

- Algum de vocês já entrou num presídio, ou mesmo num matadouro?

Ninguém se manifesta e ela continua:

- A pessoa que entra num presídio sente logo um ambiente pesado, agressivo. Já numa igreja ou num lar feliz, equilibrado, o ambiente é leve, gostoso. Isto, por causa do tipo de energia mental e emocional que as pessoas geram nesses lugares. E, como disse antes, a faixa de energia pesada, maléfica, ou seja, “energia psi negativa, está crescendo muito em torno da Terra.

Faz uma pequena pausa e continua:

- Um Gênio do Mal, conhecido como Ruk Pollus, está planejando dominar este planeta, usando essa energia.

Um calafrio corre pelas costas das crianças e a preocupação aumenta em suas expressões. Gilberto, vencendo a timidez, levanta a mão e pergunta:

- E esse Comando... do sistema solar... de que você falou, não vai fazer nada?

- Diretamente, não.

- Mas, por quê?

- Porque se os terráqueos criaram essa fonte de energia pervertida, são eles próprios que terão de destruí-la. Ou pelo menos dar os primeiros passos. E é para isso que estamos reunidos aqui, hoje.

Teca está preocupada. Além de preguiçosa é também medrosa. Levanta a mão e quando autorizada, pergunta:

- Por que esse trabalho tem que ser feito por crianças?

- Principalmente porque as crianças ainda não estão contaminadas pelo gosto do poder, da ganância, do ódio... são mais sinceras e honestas. Tem mais chances de vencer.

Algumas crianças estão eufóricas; outras, assustadas. Um garotinho pergunta:

- Nós vamos ter que lidar com... esse tal de Ruk Pollus?

- Terão que lidar com ele, sim - responde Ashtarih. - Mas vocês não estarão sozinhos, nem desprotegidos.

- Estou com medo - diz Teca, quase chorando.

Gilberto olha em torno e observa que o medo de Teca começa a contagiar as outras crianças. Levanta novamente a mão e, autorizado, fala com segurança.

- Eu gostaria de dizer uma coisa. Se o mundo continuar assim como está, logo vai ficar tão ruim que vai ser pior que o inferno. Eu acho que nós podemos confiar em Ashtarih.

Ashtarih sorri para Gilberto, faz um gesto abrangente e diz lentamente, para que todos possam assimilar:

- Existem forças cósmicas muito poderosas porque são amparadas pela

[LP1] Comentário: s

Grande Lei... e nós trabalhamos dentro das suas diretrizes. Se juntarmos amor com justiça, inteligência e energia com dedicação e coragem...

Gil levanta os polegares das duas mãos e exclama:

- Eu topo!...

Mas bate os olhos em Teca e vê sua expressão desconfiada. Fala, acanhado.

- Eu sei que sou meio agressivo... Adoro filme violento, luta marcial... vídeo-game... De vez em quando dou uns bofetes no Serginho... Mas, se for para melhorar o mundo... eu seria capaz até de virar santo.

Ashtarih sorri, levemente emocionada, sentindo a sinceridade do garoto.

- Não é preciso ninguém virar santo. Basta fazer tudo para dominar a agressividade... e mais algumas outras coisinhas que eu já vou explicar.

Serginho faz o mesmo gesto com os polegares e diz com voz firme:

- Eu também topo! Eu quero fazer a minha parte para melhorar o mundo.

Teca enxuga algumas lágrimas, levanta timidamente os dois polegares, dizendo com voz sumida.

- Está bem... eu também topo. Acho que está na hora de eu aprender a ser mais corajosa e... menos preguiçosa.

- Gostei de ver tua sinceridade, garota - diz Ashtarih. - Reconhecer as próprias falhas é o primeiro passo em nosso crescimento como gente.

Uma por uma todas as crianças daquela estranha assembléia levantam-se, erguem bem alto os dois polegares em gesto afirmativo e gritam:

- Eu topo!

- Eu também topo!

Ashtarih sorri satisfeita.

- Ótimo!... Muito bem! Eu tinha certeza de que poderia contar com vocês. E repito: não precisam ficar com medo. O Comando Solar vai lhes dar cobertura. Agora, as equipes podem vir receber seus instrumentos de trabalho.

Gilberto levanta, seguido dos irmãos, e vai se dirigindo ao palco. As outras equipes também se levantam mas todos param, dando-lhes a vez, como se vissem em Gilberto um líder. Já no palco, Ashtarih coloca em seu pulso um aparelho parecido com um relógio, dizendo:

- Isto aqui é um minimicro. Vai ser muito útil.

À Teca ela entrega uma pedrinha cor-de-rosa:

- Isto é um condensador e transmissor de vibrações de amor. Basta usar o pensamento e a emoção. Pode colocá-lo em seu bolso.

A Serginho dá um objeto parecido com uma canetinha, que prende em sua camisa:

- Você vai precisar deste instrumento. Numa ponta ele gera energia e na outra dinamiza a alegria...

- O Serginho não precisa disso - atalha Teca. - É a criança mais alegre que já vi. Quando não está brigando com Gil, está sempre sorrindo.

Ashtarih olha carinhosa para Serginho e alisa seu cabelo, dizendo:

- A sua alegria, Serginho, é muito útil e é muito importante. Mas você vai precisar deste aparelho. Cuidado para não perdê-lo.

E, olhando com seriedade para os três, acrescenta:

- Procurem não brigar.

- No que depender de mim - afirma Gilberto - não vai ter briga.

Os “Praxedinhos”, como são conhecidos no colégio, descem do palco voltando ao camarote, enquanto Ashtarih continua entregando instrumentos e apetrechos às outras equipes.

Capítulo 3

Ruk Pollus

Enquanto as crianças continuam recebendo seus instrumentos de trabalho, numa grande nave espacial, Ruk Pollus examina um painel de controle. É um tipo alto, musculoso. Tem a cabeça raspada e o tórax nu. Da cintura para baixo veste uma espécie de calção azul marinho que vai até o meio das canelas, amarrado na cintura com uma faixa vermelha; nos pés, botinas de um material parecido com borracha e nos braços, uns braceletes de couro com enfeites de bronze. Pelos olhos negros perpassam reflexos cor de aço. É uma figura assustadora.

Junto a Ruk, uma menina em tudo parecida com Ashtarih. A diferença está apenas na expressão do rosto e no olhar que são duros, frios, sem aquele encanto da outra. Ruk termina de examinar alguns instrumentos e diz com ar meio satisfeito, meio preocupado:

- Estamos chegando perto.
- Se o Comando Solar não se meter... - diz a menina.

Ruk olha para ela com um daqueles olhares que vão até o fundo da alma e pergunta pausadamente:

- Que é que você está sabendo,10Fávia?

- Eu acho que a Ashtarih está reunindo crianças...
- Reunindo crianças?... Que é que ela pretende?
- Eu não sei.
- Pois trate de saber... agora!

Fávia sai correndo para cumprir sua ordem.

Enquanto isso, no grande salão, depois que todas as equipes receberam seus instrumentos, Ashtarih volta a falar:

- Agora, uma coisa muito importante. Vocês vão atuar como geradores e transmissores de “energia psi positiva”. Dessa forma, todo o bem que conseguirem fazer... ou fazer que aconteça... e todos os bons sentimentos que nutrirem serão dinamizados pelo Comando Solar, e esse potencial todo irá atuar naquela faixa de energia perigosa de que falei, ajudando a destruí-la. Aí, Ruk Pollus não mais terá poder sobre a humanidade.

- Mas Ashtarih - contesta Gilberto - de que adianta isso se a Terra está cheia de pessoas tão ruins quanto esse tal de Ruk Pollus?

- A ordem é destruir essa faixa energética de que falei, porque esse perigo é imediato... e é dos mais graves na história deste planeta. Depois, o Comando sabe o que deverá fazer.

Percorrendo todas as equipes com o olhar, continua:

- Acho que nem é preciso dizer que tudo isto é absolutamente sigiloso. Não comentem com ninguém. Mesmo porque, se vocês contarem isto a alguém, não vão acreditar... dirão que vocês estão malucos. Só os pais de alguns de vocês serão avisados por nós.

Faz uma pequena pausa e conclui:

- A partir de agora vocês serão conhecidos como os Mensageiros de Ashtarih. Agradeço a todos em nome do Comando Solar e lhes desejo sucesso.

E antes que alguém possa fazer mais alguma pergunta, Ashtarih faz um gesto com a mão e um novo rodaminho acontece, sugando cada equipe para algum ponto diferente da Terra.

[LP2] Comentário: çs

Capítulo 4

Seu Timón

Com o rodãozinho os “Praxedinhos” perdem a noção de lugar e de tempo e quando tudo pára olham em volta, vendo em torno apenas altas montanhas. Um caminho segue em meio à vegetação, que é pouca e raquítica.

- Onde será que estamos? - pergunta Gilberto.

- Eu acho que estamos em outro país - diz Serginho, olhando em volta. -

Isto aqui não tem cara de Brasil.

- Nós estamos no mundo virtual, esqueceu?

- E faz alguma diferença? - pergunta Teca, começando a demonstrar mau humor. - Quero é ver onde vamos encontrar comida... Estou morrendo de fome.

- Não é reclamando que a gente vai conseguir alguma coisa - aconselha Serginho, que, mesmo sendo o mais novo, às vezes dá demonstrações de alta sabedoria.

- Vamos em frente - diz Gilberto. - Esse caminho deve dar em algum lugar.

Os três partem.

Depois de caminhar por longas horas, sem que a paisagem se modifique e sem que cheguem a lugar habitado, Teca resolve parar. Senta em cima de uma pedra e informa os irmãos, com ar decidido.

- Eu estou cansada!... Não dou mais nenhum passo.

Gil e Serginho também param. Serginho senta sobre uma ponta de rochedo. De repente lembra do aparelho que Ashtarih entregou a Gil.

- Nós podemos pedir socorro.

- Pedir socorro só em último caso, bobão. Nós vamos é continuar andando - responde Gilberto, decidido.

- E não me chame de bobão, que eu incho teu nariz com um murro.

Teca, dando uma rara demonstração de iniciativa, levanta a mão na direção de Serginho e diz em tom ameaçador:

- Nem pense, Serginho!... e abaixe o tom da voz. Nada de brigas, nem de ofensas. Não se esqueçam de que estamos em missão.

Os meninos acomodam suas raivas e sorriem com ar misterioso. Afinal, estão em missão... e que missão!

- Mas eu ainda estou querendo saber para que é que serve esse minimicro - diz Serginho.

Gilberto olha o aparelho com mais atenção. Parece um relógio de pulso, daqueles antigos. Abre. A parte interna da tampa é um miniteclado, sendo que a face do aparelho é a tela de um micromonitor.

- Que legal! - exclama Serginho, entusiasmado. - É massa!

Teca, ainda de má vontade e já meio arrependida de ter concordado com a aventura, resmunga.

- Quero é ver para que serve essa coisa.

Gil toca a tela com a ponta do dedo e aparece uma pergunta: "Que deseja?"

- Olha só!. Está perguntando o que desejamos.

Teca não quer dar o braço a torcer.

- O que desejamos? Cair fora daqui... é claro!

Serginho, apesar de sua eterna alegria, já está ficando cansado com o mau humor da irmã e reclama.

- Quer parar com essa mania de viver se queixando? Você ainda vai se dar mal...

Gilberto, sem se ocupar com a discussão dos irmãos, digita: "Estou com fome e sede", mas a tela permanece como antes.

Os garotos olham-se com ar desolado. Uma pontinha de temor começa

a se insinuar em suas emoções. O mau humor de Teca transforma-se rapidamente em medo.

- E agora? - pergunta choramingando. - O que vai ser de nós?

- Eu acho que você tem que teclar o comando “enter” - diz Serginho para Gilberto, sentindo-se importante

Este atende, mas nada acontece. Fala com raiva:

- Essa porcaria não serve para nada. Eu vou é jogar fora.

Teca segura-lhe a mão.

- Espera, Gil. Eu acho que sei qual é o problema. Nós não somos uma equipe?

Os meninos concordam com a cabeça.

- Então é preciso dizer: nós estamos com fome.

- Vamos ver - diz Gilberto, começando a digitar conforme a orientação da irmã, mas a tela apenas pisca e fica escura. Gil levanta o aparelho para jogá-lo no precipício, mas antes que o faça, pára, com os olhos arregalados:

- Olhem!

À sua frente surgira do nada um poste com um cartaz onde está escrito: “À direita, Pousadinha. À esquerda, deserto”.

Os “Praxedinhos” retomam a caminhada, seguindo pela direita, e logo chegam a um pequeno platô onde encontram três tábuas de madeira.

- E agora? - pergunta Gil. - Eu tenho a impressão de que essas tábuas foram colocadas aqui para nós.

- Também acho - concorda Serginho. - Acho que é para a gente levar...

Teca dá um pinote:

- Eu é que não vou sair por aí carregando peso à-toa. Estou cansada.

- Pois eu acho que devia - diz Gilberto, enquanto levanta uma das tábuas. - Até que não é tão pesada.

Gil e Serginho apanham cada qual uma tábua e seguem caminho, subindo por uma encosta e chegando a um platô. Teca segura a tábua que lhe cabe levar, mas prefere largá-la no chão, resmungando mentalmente: “Brincar num computador é uma coisa, mas sair por aí, andando horas a fio, com sede e fome... e ainda por cima, carregando peso? Não! Isso não!”.

Mais alguns passos e topam com uma fenda geológica com uns dois metros de largura. Olham para baixo e levam um susto: não dá para ver o fundo, mas ouve-se o ruído de água corrente. Serginho e Gil colocam suas tábuas sobre ela e atravessam com cuidado. Teca aproxima-se para atravessar, mas as tábuas, como se mão invisível as tocasse, caem, batendo pelas encostas do abismo. Apavorada, grita:

- Gilberto, Serginho... me ajudem!... não vão embora... me ajudem!

Gil e Serginho ficam olhando um para o outro, sem saberem como ajudar a irmã. Teca continua gritando, desesperada:

- Façam alguma coisa! Me ajudem!

Gil tem uma idéia:

- Só você voltando para buscar a tábua que ficou lá embaixo.

Dessa vez Teca não reclama.

- Vou sim... eu vou... mas me esperem aí... Prometam que vão me esperar.

- Nós esperamos, Teca - grita14Gil. - Mas vai aprendendo a lição, tá bom?

A preguiça nunca é boa companheira... mamãe sempre diz isso, lembra?

Teca volta correndo ladeira abaixo. Dez minutos mais tarde, lá vem ela subindo a encosta arrastando a tábua e instantes depois junta-se aos irmãos, continuando a caminhada. Mais outros dez minutos e finalmente avistam uma casinha encravada na encosta da montanha. O céu está escuro, ameaçando chuva.

- Até que enfim, achamos a casa! - exclama Gilberto. - Estou morto!

Teca lança um olhar de desprezo sobre a casinha e pergunta em tom de lamúria:

- Vocês chamam isso de casa? Mais parece um velho guarda-roupa rindo da nossa desgraça.

Mal acaba de falar começa a chover. Correm para a casinha. Por sorte a porta não está trancada. Entram, a tempo de evitarem um tremendo banho.

Serginho fica olhando Teca com um sorriso irônico. A garota, meio envergonhada, resmunga:

- Tá bom... retiro o que disse.

- Por que você não deixa de vez essa mania de reclamar? - pergunta Gilberto, com ar paternal. - Bobo é aquele que vive reclamando e criticando tudo.

- E aproveita para dar um “thiuti” na preguiça, completa Serginho.

- É isso mesmo - diz uma voz no interior da casa.

As crianças assustam-se. Teca agarra-se a Gilberto, enquanto um homem entra na sala. É alto, forte e muito simpático. O cabelo e bigode são grisalhos mas, pelo vigor que demonstra fica difícil definir-lhe a idade.

- Não se assustem - diz o homem, com largo sorriso. - Sou amigo.

Mais tranqüilo, Gilberto pergunta:

- Quem é o senhor?

- Podem me chamar de Timón. E vocês... devem ser as crianças mandadas por Ashtarih.

- O senhor a conhece? - pergunta Teca, curiosa.

- Conhecer mesmo a Ashtarih... ninguém conhece. Mas vamos ao que interessa. Eu vou estar com vocês durante algum tempo... em alguns períodos.

- Ótimo, seu Timon - exclama Teca. - Assim não ficamos sozinhos.

- Bem, vocês agora podem tomar um bom banho - diz o homem. - Depois... tem o que comer na cozinha.

As crianças sorriem, satisfeitas. Ouvem-se dois sinais de bip no relógio de seu Timón. Ele diz, tranqüilamente.

- OK, garotada. Já estou indo...

Seu Timón desaparece assim como uma tela de computador que é fechada. Teca dá um grito de susto. Serginho e Gil estão mudos de espanto.

- E agora? - pergunta Teca com um fio de voz. - Vamos dormir aqui sozinhos?

- Claro que não - diz Serginho que não perde chance de fazer uma brincadeira.

- Não viu aqueles fantasmas que se esconderam ali no quarto quando chegamos?

Teca arregala os olhos, assustada. Gilberto, tramando uma brincadeira, diz ao irmão:

- Não diga bobagens, Serginho. Garanto como você também está morrendo de medo. Só não tem é coragem de assumir.

Caindo na armadilha, Serginho exclama:

- Eu, com medo? É só o que faltava.
- Pois então vá na frente, diz Gilberto.
- Eu?... na frente? De jeito nenhum! Você é que vai... é o mais velho.

- Tudo bem - diz Gilberto, dirigindo-se para o interior da casa. Teca e Serginho seguem atrás. Está tudo na penumbra e as sombras são fantasmagóricas. Um arrepio de medo corre pelas espinhas das crianças. Gil abre a porta do quarto e começa a entrar mas pára de repente, faz um ar apavorado, dá um grito e volta correndo. Teca e Serginho disparam para a sala de entrada e daí até a porta da rua. Detêm-se no patamar, calculando o que seria menos mau, ficarem na casa com os fantasmas ou saírem para fora, na chuva. Gil começa a rir, dando gargalhadas das caras dos irmãos. Teca, raivosa, tenta dar-lhe um cascudo, enquanto Serginho cai também na risada, dizendo:

- Fica me devendo essa, Gil... Espere só.

Capítulo 5

A Confraria dos Homens Tristes

De madrugada, já perto do amanhecer, as crianças acordam assustadas, ouvindo vozes na casa. Luzes bruxuleantes vagueiam pela fresta da porta.

- Quem será? - pergunta Teca, num sussurro.

As vozes se aproximam e dois vultos entram no quarto, carregando uma lanterna. São dois homens, um alto e outro mais baixo, muito magros e com expressões extremamente tristes. Barbas por fazer, roupas escuras e em desalinho, cabelos compridos e embaraçados. Tanto as fisionomias quanto os olhos expressam profunda amargura. A voz é lúgubre e a fala, lenta. O mais alto pergunta:

- O que vocês fazem aqui?
- Quem são vocês? - indaga o mais baixo.

A muito custo Gilberto consegue responder:

- Nós somos irmãos... Esta aqui é a Teca, este é o Serginho e eu sou Gilberto... Gil, para os amigos... Nós somos brasileiros... e...

- Ah, vocês são brasileiros... - diz o alto, com sotaque carregado. O baixo olha com olhar doloroso para as crianças e fala, com sotaque igual:

- Sorte sua... Só assim, vocês também vão ficar livres da carga pesada.

Teca engole em seco algumas vezes, tentando recuperar a voz. Por fim pergunta, quase num murmúrio:

- Carga pesada?
- Isso mesmo - responde o alto. -16 Já que invadiram nossa casa vão ficar aqui

para sempre. Não precisam voltar para o mundo. O mundo é mau... e é muito triste...

As crianças pulam para fora da cama, terrivelmente assustadas.

- Eles estão querendo nos prender aqui - diz Teca, num gemido.

- Nós vamos lhes fazer um favor - diz o baixo, com voz lúgubre.

- Vocês vão fazer parte da “Confraria dos Tristes”... conclui o alto com voz chorosa. Vão receber uma iniciação e nunca mais vão ter que sorrir.

- Mas sorrir é bom - exclama Serginho. - A melhor coisa da vida é a alegria...

O alto avança para Serginho com a mão erguida, disposto a agredi-lo.

- Nunca mais... está me ouvindo? Nunca mais diga essa palavra de novo!

As crianças, apavoradas, correm para a sala procurando a porta para fugir. Está trancada. O alto coloca a mão sobre o bolso, mostrando que está com a chave.

- Desistam, diz o baixo. Não tem como escapar.

Olha para o companheiro e comenta:

- São mais três para a nossa confraria.

- Temos que sair daqui! - exclama Gilberto, em extrema aflição.

Serginho se aproxima dos dois homens, ajoelha-se em frente a eles e pede, de mãos postas:

- Por favor, senhores, não façam isso conosco. Se os senhores são tristes... nós não queremos ser.

Os dois não lhe dão a menor atenção. O alto olha o relógio e diz:

- Daqui a cinco minutos chegam os oficiais da “Confraria”. Aí podemos começar a cerimônia.

- Pelo amor de Deus, não façam isso com a gente - implora Teca. - Nós temos mãe e pai... Eles vão ficar desesperados... Por favor...

O baixo derrama um olhar lamentoso sobre as crianças.

- Vocês não sabem o que estão dizendo. A vida é uma cruz escura e pesada que a gente tem que carregar. Por isso nós criamos a “Confraria dos Tristes Fora do Mundo”.

Gilberto chama os irmãos para um canto da sala e diz baixinho:

- Não adianta a gente discutir com eles... Temos que encontrar outro jeito.

- Que jeito? - pergunta Teca, com voz chorosa. - Eles vão nos transformar em criaturas horríveis como eles próprios.

De repente, Serginho arregala os olhos e exclama:

- Eu acho que achei...

Gil e Teca olham ansiosos para o irmão, que continua:

- O problema deles não é a tristeza, a depressão? Então, vamos jogar alegria em cima deles...

- Você está sonhando - exclama Gilberto. - Isso não daria certo. Nós estamos é perdendo tempo.

- Pois eu acho que não - interrompe, Teca. - Talvez o Serginho tenha razão. Vamos ver... cadê a tua canetinha?

- Está aqui - diz Serginho, pegando o aparelho. - Esta ponta azulada é a da alegria.

Teca coloca as pontas dos dedos na parte azulada, mostrada por Serginho:

- Vamos, Gilberto, toca aqui... e vamos todos juntos mentalizar alegria para esses homens.

- Para eles e para toda a sua confraria, completa Serginho.

Os três fecham os olhos para melhor poderem se concentrar. Um leve sorriso desenha-se em seus lábios e suas fisionomias vão tomando expressão de profunda alegria. Ouve-se o canto de um pássaro sobre o telhado da casa. Depois outro e mais outro. Da cumeeira penetram na sala dois pássaros de belíssima plumagem colorida. Eles pousam sobre as mãos dos dois homens e começam a gorjear. Seu trinado é suave, belo, e aos poucos vai ficando mais vibrante, cheio de encanto e alegria. Os homens não conseguem desgrudar os olhos dos pássaros. Suas expressões começam a mudar lentamente, muito lentamente. Seus rostos ficam menos tristes. Aos poucos, um sorriso tímido começa a esboçar-se em seus lábios, espalhando-se para todo o rosto. Outros pássaros penetram na sala e ficam voejando em torno dos homens, juntando seus gorjeios aos demais. As crianças abrem os olhos e ficam deslumbradas.

- Que coisa fabulosa! - exclama Gilberto. - Nunca vi nada igual... nem na TV.

Os pássaros continuam voando pela sala, soltando no ar seus magníficos gorjeios. O baixo começa a assoviar, tentando imitar os pássaros. O alto faz o mesmo. As crianças, felizes, começam a bater palmas e dançar. Os homens levantam-se e também começam a dançar. Primeiro sem jeito, duros... mas aos poucos vão relaxando e logo todos cantam, assoviam e dançam, na maior alegria.

De repente, os pássaros vão embora, deixando a casa silenciosa. O baixo olha o relógio e fica pálido. O alto prende a respiração. O mini-computador no pulso de Gil começa a emitir sinais de alarme. Todos estão com medo, olhando uns para os outros.

- São os oficiais da Confraria que estão chegando - diz o alto, num murmúrio.

O baixo, numa entonação mista de aflição e determinação, exclama:

- Eu não quero mais voltar a ser triste! Nem morto!

- Eu também não quero - diz o alto. - Agora que senti o gostinho da alegria, nunca mais vou ficar triste.

De fora chega o som de lamentos e o ruído de algo se arrastando no chão. Todos correm para a janela a tempo de verem a procissão dos tristes chegando em frente à casa arrastando uma enorme cruz escura.

O alto dá um tapa na própria cabeça, como quem tem uma idéia importante e pergunta às crianças:

- O que foi que vocês fizeram há pouco, para chamar aqueles pássaros?

- É mesmo - diz o baixo, e pergunta: - Vocês podem fazer isso de novo?

As crianças olham umas para as outras. Serginho pega a canetinha e convida:

- Venham, os senhores também.

Os cinco saem da casa, fazem um círculo e tocam a canetinha com os dedos. Fecham os olhos e seus rostos vão-se iluminando.

Os da Confraria ficam espantados ao verem seus chefes com expressões sorridentes, em flagrante transgressão ao maior de seus mandamentos, mas antes que possam dizer algo, os pássaros entram em cena, pousando sobre suas mãos e trinando alegremente. Acontece o mesmo fenômeno de antes e com mais

alguns minutos estão todos sorrindo, cantando, assoviando e dançando, em grande alegria, festejando o fim da tristeza. O alto corre para dentro da casa e volta com uma lata de querosene. Os outros, como se fosse num ritual, batem palmas e ajudam a tocar fogo na enorme cruz que os oficiais haviam deposto no chão do pátio. Ficam dançando e batendo palmas, circulando em torno da cruz incendiada, até acabar de queimar.

O dia já está dando sinais de luz, lá nas fímbrias do horizonte e os homens preparam-se para partir. Teca dirige-se ao dois ex-tristes:

- Por que não ficam conosco?

O alto responde, com largo sorriso nos lábios:

- Agora que descobrimos a alegria, precisamos aproveitar cada minuto. Nós vamos sair por aí. Vamos cantar para as pedras e as árvores, conversar com os pássaros e dizer às pessoas que a alegria é a melhor coisa da vida.

O baixo, num gesto espontâneo, ajoelha-se diante das crianças e fala com emoção.

- Nós agora estamos leves, cheios de vigor, de esperança, graças a vocês. Muito obrigado.

O alto também se ajoelha, rindo e chorando de alegria. Pega nas mãos das crianças, beijando-as.

- Muito obrigado mesmo!!!... vocês nos salvaram!

- Quem sabe, um dia a gente possa retribuir - diz o baixo, com lágrimas nos olhos e na voz.

As crianças ficam mudas. Não sabem o que dizer. Os dois se levantam para seguir caminho. Os oficiais também agradecem efusivamente e todos partem assoviando e cantarolando, felizes, sob os deslumbrantes raios do sol matinal.

Teca esfrega os olhos e dá um longo bocejo.

- Estou morrendo de sono - informa. - Acho que vou dormir um pouco.

Mal acaba de falar soa um alarme no minimicro. Os três olham para a telinha, na qual aparece a frase: "É hora de ir...".

- Ir, agora? - pergunta Teca. - Vou nada! Eu vou é dormir...

Serginho pisca o olho para Gilberto.

- Gil, vamos deixar a Teca aqui, descansando. Vamos só nós dois.

A garota, que já estava encaminhando-se para a casa, dá um pulo.

- Vocês estão loucos?... Me deixarem sozinha nessa casa mal-assombrada?... Nem pensar!

Serginho e Gil caem na gargalhada e logo os três estão de novo com o pé estrada.

Capítulo 6

Os chips

O sol já vai alto quando param à beira do caminho para descansar. O caçula olha em torno, procurando algo. Teca pergunta:

- Está procurando o quê, Serginho?
- Um lugar para fazer pipi.
- Ora essa - exclama Gilberto. - Faz ali, atrás daquelas moitas.

Serginho vai para trás das moitas de arbustos, enquanto os outros deitam-se na grama para repousar. Passam-se vários minutos. De repente, Teca levanta a cabeça, dizendo:

- Serginho está demorando muito.
- Hei, Serginho - grita Gilberto. - Enganchou?...

Serginho não responde. Gil e Teca levantam-se e vão procurá-lo. Nada. Atrás dos arbustos, ninguém. Chamam, e... nada. Teca começa a chorar e Gil não sabe o que fazer. De repente lembra-se do minimicro e toca a telinha. Aparece a palavra: “Procurar”.

- Está mandando procurar – diz para a irmã. - Mas, procurar onde?
- Sei lá...

Teca fica pensativa e de repente exclama:

- Será que não tem alguma entrada secreta nesses rochedos?

Os dois olham-se em silêncio e correm para os rochedos. Depois de muita busca encontram uma estreita fenda, que se abre para uma gruta. Quando seus olhos se acostumam à penumbra do local, percebem a um canto uma lanterna e fósforos.

Gilberto acende a lanterna e os dois seguem pela gruta. Teca, é claro, procurando segurar o medo como pode. Caminham em meio a estalactites e estalagmites com formas as mais belas e estranhas. A gruta termina em degraus ascendentes que levam a uma porta. Não está trancada. Entram num corredor e logo chegam a um grande salão, em tudo semelhante àquele onde participaram da Assembléia comandada por Ashtarih.

Os dois dão um suspiro de alívio. Acreditam estar nos domínios da menina que representa o Comando Solar. Uma voz, vinda não sabem de onde, fala:

- Muito bem, crianças. Ashtarih vai recebê-los logo.

Instantes depois entra um homem enorme, de pele bronzeada e brilhante. Com um gesto convida as crianças a acompanhá-lo, conduzindo-as para uma

sala vizinha. Há um sofá, duas poltronas, estante com livros e, a um canto, um computador.

Mal acabam de sentar-se entra Fávia, fingindo ser Ashtarih. Fala, procurando fazer-se simpática e tendo o cuidado de não se aproximar deles. Teca, aflita, vai logo perguntando:

- Onde está nosso irmão... o Serginho?
- Não se preocupem - responde Fávia. - Já, já, ele estará aqui.
- Por que nos atraíram para cá? - indaga Gilberto.
- Vocês foram chamados aqui porque resolvemos mudar alguns planos...

Fávia vai caminhando pelo salão enquanto fala, sempre observando as crianças com o canto dos olhos.

- Nós estamos precisando falar com as crianças da Terra. Com o maior número possível de crianças. E achamos que vocês poderão ser os nossos porta-vozes.

- Por que nós? - pergunta Gilberto.

- Porque receberam o poder de Ashtarih. O que falarem irá repercutir na mente de todas as crianças semelhantes a vocês.

Gilberto e Teca percebem que há algo de errado nessa Ashtarih. É mais dura, fria, embora procure fingir, e suas maneiras não têm aquele algo encantador da primeira.

- Semelhantes a nós? - pergunta Teca, procurando falar com naturalidade.

- É... crianças assim... de boa natureza, fraternas, honestas. Nós não temos como chegar até elas, a não ser por intermédio de vocês.

Cauteloso, Gilberto pergunta:

- E o que devemos fazer?

- Não se preocupem. No momento oportuno vocês saberão. Agora, vão ser levados a seus aposentos.

Fávia bate palmas rápidas e entra o mesmo homem que os conduzira até ali. Com um gesto convida as crianças a acompanhá-lo. Os “aposentos” são um apartamento de bom tamanho, bem mobiliado e belamente decorado. Na sala de jantar, a mesa posta com pratos os mais diversos, desperta o apetite das crianças.

- Pelo cheiro, isto deve estar uma delícia - diz Gilberto.

Os dois sentam-se à mesa e enquanto fazem os pratos conversam discretamente e em voz muito baixa.

- Será que essa é mesmo a Ashtarih? - pergunta Teca, num sussurro.

- Ela me pareceu estranha - responde Gilberto, também em voz baixa. - Não tem aquele ar sincero, luminoso, da que vimos naquela assembléia. Precisamos ter muito cuidado. Acho que eles pegaram o Serginho.

Teca engole o medo e a vontade de chorar. Não podem dar demonstração de suas desconfianças.

- Coma tudo, Teca - sussurra Gilberto. - Precisamos estar alimentados... se não, como é que vamos poder salvar o Serginho?

Mal terminam a refeição começam a sentir um sono invencível e adormecem. Meia hora mais tarde dois homens carregam-nas para outra sala, deitando-as sobre mesas de mármore. Trazem também Serginho, adormecido. Entra um homem de branco parecendo médico e atrás vem Ruk Pollus e Fávia, a falsa Ashtarih. O de

branco implanta um objeto minúsculo na nuca de cada uma das crianças. Observando a cena, Fávia pergunta:

- Será que a dose de narcótico foi suficiente?

- Fique tranqüila - responde o de branco. - Eles não vão desconfiar de nada. Além disso eu coloquei um anestésico que vai deixar a pele da nuca meio adormecida... Não vão sentir o condensador.

- Vai ser muito engraçado - comenta Ruk, rindo de forma desagradável. - Eles vêm combater a Energia e vão nutrir-se com ela.

Terminada a tarefa, as crianças são de novo carregadas para o quarto e colocadas na cama.

Capítulo 07

Fuga para a Lapônia

Gil acorda, pela manhã, sem saber o que aconteceu. Levanta e vê Teca na outra cama, dando sinais de estar acordando. Sente-se irritado, com raiva.

- Que é que está acontecendo? - Pergunta a si mesmo. - Estou com raiva da Teca, de tudo... Preciso me controlar.

Teca acaba de acordar e levanta, mal-humorada. Segue até a sala onde encontra Serginho e seu Timón.

- Serginho! - exclama, surpresa. - Onde é que você estava?

Serginho responde com uma grosseria imprópria dele:

- Aqui... Não está vendo?

Teca retruca com raiva:

- Olha aqui, ô, seu coisa. Não comece com suas brincadeiras, que acabo te enchendo a cara de tapa.

Gil, vindo atrás de Teca, também entra na sala e exclama, surpreso:

- Serginho! Onde é que você andou?

- Eu sei lá... Vê se não me enche!

Gil está intrigado com a atitude dos irmãos e consigo próprio. Sente que algo está errado mas fica mais tranquilo, quando vê o enviado de Ashtarih.

- Seu Timón, que bom que o senhor está aqui.

- Bom, coisa nenhuma - resmunga Teca. - Esse velho some e aparece como se fosse um fantasma.

Gil nunca vira a irmã tratar pessoas mais idosas com tanta grosseria e falta de respeito. Está cada vez mais intrigado.

Seu Timón observa as crianças, suas expressões e reações. Percebe que Gil está mais controlado. Olha para ele e em seguida, significativamente, para o minimicro. Gil entende e consulta-o discretamente. Na tela, os dizeres: "Computador – sala ao lado". Gil, como quem não quer nada, dirige-se para a sala ao lado. Ali tem um computador. Vai até lá, liga-o e grita:

- Hei, pessoal. Aqui tem um micro.

Os outros também vão para lá, inclusive seu Timón. Na tela surgem imagens de uma região polar, seguidas de um mapa onde se vê o Pólo Norte, a Noruega, a Suécia e a Finlândia. A parte norte destes países que fica dentro do círculo polar está destacada em outra cor, com o nome LAPÔNIA.

Enquanto isso, em outra sala,²³Ruk Pollus e Fáva observam o grupinho

num monitor. A garota dirige-se a seu chefe, em tom subserviente:

- Grande Ruk, eu não entendo seu interesse por esse grupo. Essa é apenas uma das dezenas de equipes de Ashtarih.

Sem olhar para ela, Ruk responde com ar de superioridade:

- Eu me interesso por todos eles. Mas algo me diz que esse menino, o Gilberto, pode me ser muito útil... ou perigoso. Eu o quero para mim... ou então...

Completa a idéia com um gesto significativo.

Fávia olha para ele com admiração, perguntando:

- E agora... O que estamos esperando?

- Os chips completarem seu efeito... aí, eles serão meus escravos.

Na sala do computador os quatro observam imagens da Lapônia. Gilberto pergunta:

- Seu Timón, não é na Lapônia que tem o sol da meia-noite?

- É sim. No verão o sol fica girando no horizonte e não se põe durante três meses. Já no inverno, é o contrário. São três meses de noite. O sol não aparece.

Tomando ares de contador de histórias, continua:

- Há uma lenda por lá que fala na festa do sol. Diz que todos os animais do planeta mandam seus representantes para verem o sol nascer pela primeira vez depois dos três meses de noite polar. Dizem que eles têm um pacto de paz, de não agressão, durante duas horas.

A curiosidade faz as crianças esquecerem um pouco seu mau humor. Gil digita: “Lapônia - Festa do sol” e “dá enter”, enquanto comenta:

- Deixa ver se tem alguma coisa sobre isso.

Na tela surge a imagem de altas montanhas cobertas de neve. Um efeito zoom traz a imagem para perto, abrindo-a sobre um enorme platô, ocupado por milhares de animais, dos mais diversos, aguardando em silenciosa expectativa, todos voltados para o nascente. No lado leste, uma gigantesca estátua de gelo representando um leão, e a um canto, um trenó... daqueles fechados. No céu aparecem luzes fantásticas como cortinas luminosas em movimento constante, ou como ondas de fogo que vão subindo do horizonte ao zênite. O fenômeno é tão magnífico que nem o mau humor de Teca consegue resistir.

- Que coisa mais linda! - exclama. - O que é isso?

- É a aurora boreal - explica seu Timón. - Ela ocorre nas regiões polares, nos períodos em que o sol tem uma atividade maior. As partículas solares aproximando-se da Terra, são desviadas ou atraídas para os pólos. Essa luminosidade acontece quando entram em contato com a atmosfera.

A imagem mostra o horizonte começando a iluminar-se levemente, em prenúncios dos primeiros clarões do sol nascente. Seu Timón, como quem não quer nada, pega no mouse, leva a seta até o trenó e clica em cima dele. Ao mesmo tempo, fala intencionalmente.

- Eu prefiro ver o que está acontecendo em Londres.

O zoom traz o trenó para tela cheia. Tudo começa a rodar e o grupo entra nesse torvelinho, perdendo noção de lugar.

Capítulo 08

A festa do sol

Quando o torvelinho pára, estão dentro do trenó, daquele que tinham visto no computador. Seu Timón fala rápido:

- Gilberto, digite no minimicro: CANAL RUK DEL.

Gil fica olhando para ele, sem entender direito. Seu Timón fala em tom de comando.

- Faça logo! Rápido!

Gil obedece e seu Timón respira aliviado, exclamando:

- Pronto. Conseguimos escapar ao Ruk Pollus.

- Escapar ao Ruk Pollus? - perguntam os três a uma só voz.

- É... nós estávamos na nave do Ruk.

- Bem que eu estava desconfiado! – diz Gilberto.

Teca olha furiosa para o irmão.

- Tô cheia de você, Gil... com esse seu ar de sabe-tudo.

Serginho também se prepara para dizer algo agressivo, mas seu Timón não deixa.

- Parem com isso. Eu acho que o Ruk colocou algum chip em vocês.

Os três perguntam em coro:

- Chip?

O enviado de Ashtarih confirma com a cabeça e as crianças começam a procurar, apalpando-se. Serginho, passando a mão na nuca sente algo estranho. Gil vai olhar e com cuidado retira o chip. Os “Praxedinhos” se olham espantados. Seu Timón ajuda a retirar os chips de Teca e Gilberto, enquanto comenta, com alegre sorriso.

- Eles vão nos procurar em Londres.

- E se desconfiarem que viemos para cá? - pergunta Teca.

- Mais cedo ou mais tarde eles nos encontram... Mas eu estava precisando falar com vocês, sem que eles soubessem. 26

As crianças estão preocupadas. Começam a tomar consciência dos riscos que correm. Seu Timón continua:

- O Ruk está de olho especialmente em vocês.

- Em nós? Por quê? - pergunta Gil.

- Não sei ao certo, mas ele vai fazer carga pesada.

Serginho e Gil olham um para o outro com ar sério. Teca fala com voz de choro.

- E agora? Eu sabia que ia sobrar para nós...

- Deixa de ser boba, Teca - diz Gilberto. - Se não conseguirmos anular o Ruk, vai sobrar para a humanidade inteira... inclusive nós.

Teca engole as lágrimas e seu Timón continua:

- Vocês precisam manter calma e confiar no Comando Solar.

Um silêncio pesado enche o trenó. As crianças olham umas para as outras, como a buscar apoio mútuo. Por fim, Gilberto pergunta:

- O que o Ruk está planejando?

- Parece que ele conseguiu criar uma tecnologia... uma espécie de atalho entre as realidades virtual e real. Por esse canal ele pretende dominar as mentes e emoções dos operadores de computador.

Os "Praxedinhos" levam um susto. A coisa está ficando feia. Gilberto fala, a custo.

- Mas, então... se ele conseguir isso... vai poder escravizar todas as pessoas que mexem com computador.

- Isso seria terrível demais! - exclama Teca.

- Desse jeito o mundo está perdido - completa Serginho.

- Calma - diz seu Timón. - O Ruk, para ativar esse atalho, precisa dobrar os seus estoques de Energia Psi Negativa. E para isso ele espera contar com vocês, através de programas de rádio e TV.

- Mas nós nunca faríamos isso - diz Gilberto, convicto.

Seu Timón cofia o bigode, sorrindo de leve.

- Se tivessem continuado com os chips...

Serginho passa a mão pela nuca, onde estivera o chip, e fala com ar sério.

- Mas esse Ruk é mesmo muito perigoso.

- Ele é perigoso, sim - confirma seu Timón. - Mas vocês têm como anulá-lo. Essa, aliás, é a missão de vocês e das outras equipes de Ashtarih.

Os três estão tensos. Suas fisionomias mostram susto, medo e ansiedade. Olham-se novamente e aos poucos vão tomando expressão decidida. Teca levanta a mão, como num juramento e fala em tom solene.

- Eu não reclamo mais. E vou trabalhar com tudo que puder... com tudo... até ver os projetos desse Ruk Pollus destruídos.

Gil também levanta a mão e o tom é solene.

- Para mim, a primeira prioridade da minha vida vai ser essa luta contra Ruk Pollus e seus horríveis projetos... até que ele seja vencido.

Serginho também levanta a mão e fala sério:

- Para mim também... até que ele seja vencido.

Mal acaba de falar ouve-se lá fora²⁷um som estranho, como toques de

trombeta. Os primeiros raios do sol já começam a emitir leves reflexos na cabeça da imensa estátua de gelo cercada pelos animais. Todos, em silenciosa expectativa. E, antes que alguém consiga fazer qualquer comentário, os lábios da estátua parecem mover-se e uma voz grave, como se saísse das entranhas da terra, dirige-se aos presentes, ressoando naquelas vastidões geladas com ecos estranhos:

- Nobres cavalheiros e belas damas do reino animal. Sejam bem-vindos à festa do Sol. Em breve o astro-rei vai mostrar-se a nós por alguns instantes e então, a calota polar irá tremer com a vibração das nossas vozes reunidas, saudando o grande rei da luz e da vida, o Sol...

O platô da montanha estremece com as vozes dos animais, concordando com o que foi dito. A estátua de gelo continua:

- Mas, enquanto aguardamos e conforme rezam nossas tradições, façamos um pensamento fraterno para o Rei da Criação: o homem.

Os ocupantes do trenó estão mais do que espantados. De repente, Teca dá um pinote.

- Gente, vamos aproveitar essa energia...

- Aproveitar, como?... para quê? - perguntam os outros.

A garota arregala os olhos.

- Vocês não entenderam? São milhares de animais fazendo uma vibração de fraternidade. Vamos multiplicar essa energia. Não é essa a nossa missão?

- É mesmo - exclama Gilberto. - Energia boa para queimar a ruim das reservas do Ruk...

Teca apanha a pedrinha cor-de-rosa, segurando-a na mão. Serginho coloca a mão sobre a dela, em seguida seu Timón e por último Gilberto, e todos fecham os olhos, para melhor poderem concentrar-se.

A estranha voz da estátua volta a falar:

- Nós, os animais, considerados bichos, feras... já somos capazes de nos reunir numa assembléia fraterna uma vez por ano. Nessas duas horas nenhum de nós faz um mau pensamento a respeito dos outros. Ninguém tem um gesto indelicado. Todos somos atenciosos e afáveis, educados e prestativos. Pergunto-lhes: quando será que o homem, “Rei da Criação”, conseguirá viver um só minuto de fraternidade?... Agora, irmãos, vamos fazer silêncio enquanto aguardamos o primeiro toque dos raios do Sol.”

No trenó, os quatro estão tão concentrados que não percebem quando uma escura e cabeluda mão se coloca sobre as deles.

Do horizonte, cor de fogo, os raios do sol começam a iluminar o platô com os animais que o lotam. Ouve-se de novo a voz, cujos ecos percorrem as montanhas:

- Sol... luz que nos alumia, calor que nos aquece, energia que nos vivifica, sê bem-vindo. Traz tua luz e calor a estas regiões de gelo e penumbra, aquecendo também os corações dos animais... e dos homens.

Ouve-se então, como se fosse o rugir de tempestades, milhares de animais gritando a uma só voz:

- SALVE O SOL!... SALVE!!!

Os quatro abrem os olhos, paralisados de espanto. Gilberto esfrega a testa e exclama:

- Nunca pensei que pudesse existir uma coisa...

Não conclui a frase. Fica parado, olhando com olhos esbugalhados a escura e cabeluda mão colocada sobre a sua. Todos os olhares voltam-se para aquela mão, seguindo pelo braço até a cara amigável de um enorme chimpanzé, colocado bem atrás de Gilberto.

Teca, quase sufocada de medo, tenta abrir a portinhola do trenó. Seu Timón a impede, dizendo:

- Lá fora, Teca, pode ser bem mais perigoso. As duas horas de paz podem estar esgotadas.

O chimpanzé, como se entendesse, bate palmas alegremente.

O grupo relaxa, menos Teca, encolhida num canto o mais longe possível do animal. Gil, primeiro com medo, depois mais despreocupado, estende a mão para o macaco e ele a segura.

- Bom dia, seu macaco... diz Gilberto, ainda meio assustado. Tudo bem?

O chimpanzé faz-lhe um cafuné com a outra mão. Gil fica encantado com aquele gesto e trata de fazer as apresentações.

- Eu sou Gilberto... Este aqui é seu Timón, e estes dois são meus irmãos, Teca e Serginho.

O animal olha para Teca, que fala num fio de voz:

- Botem esse bicho para fora... ele está olhando para mim... eu não confio nele...

- De jeito nenhum – exclama Gil. - Ele é meu amigo... Ele é meu...

Olha para Serginho e seu Timón como a pedir que concordem em que fique com o animal. De repente lembra-se de algo que poderá ajudá-lo. Segura na mão do bicho e diz com ênfase:

- Ele já é do nosso grupo. Não viram? Ele também participou do nosso trabalho há pouco.

Seu Timón sorri do expediente usado por Gil e diz:

- Por mim... sem problemas.

- Por mim também, concorda Serginho.

- Isso é um complô - exclama Teca. - Esse bicho botou a mão sobre as nossas, sem nem saber o que fazia.

Percebendo que havia ganho a parada, Gilberto afirma:

- Pois eu tenho certeza de que ele sabia.

Olha carinhoso para o macaco e diz:

- Vou chamá-lo de Migão... Não é, Migão?

Nisso, ouve-se um ruído esquisito, como o bater de asas gigantescas. Seu Timón olha para fora, dizendo:

- É um pássaro gigante... imenso!

Mal acaba de falar, o trenó é violentamente arrancado do solo, começando a voar, subindo rapidamente.

- Cuidado! – grita o enviado de Ashtarih. - Não abram a porta, senão podemos cair.

As crianças estão apavoradas. Migão parece divertir-se e seu Timón, sentado junto à janelinha, vai dando conta do que acontece:

- Estamos viajando para o sul... estamos a uns mil metros de altura.

Capítulo 09

Estranha viagem

Aquela estranha nave, um trenó propulsionado a águia, vai sobrevoando primeiro as regiões geladas da Lapônia, passando a outras menos frias. Viaja sobre campos, florestas, cidades, mar... Gil e Serginho, depois do susto inicial, estão encantados com a aventura. Teca permanece calada, com os olhos arregalados pelo medo. De repente lembra-se de algo.

- Por que não pedimos socorro no minimicro?

- Para pedir socorro é preciso os três estarem de comum acordo, informa seu Timón.

- Eu acho que não precisa pedir socorro, diz Serginho.

- Eu também acho, confirma Gilberto.

- Será que vocês só sabem ser do contra? - explode Teca. - Nós estamos num bruto de um sufoco e vocês não estão nem aí...

Gilberto fica pensativo. Olha para seu Timón como quem quer perguntar mas desiste. Seu Timón sorri embaixo dos bigodes grisalhos.

- Por que não pergunta?

Gil, apanhado de surpresa, indaga:

- Será que aquela ação, lá com os animais... valeu?

Seu Timón responde em tom sério.

- Não lembram do que disse Ashtarih? É claro que valeu... e muito. Aliás, vocês estão fazendo um excelente trabalho.

As crianças sorriem satisfeitas com o elogio. Seu Timón conclui:

- É por isso que o Ruk está de olho em vocês.

Os “Praxedinhos” murcham em seu entusiasmo. Um elogio assim é bom, mas acompanhado daquela ameaça de perigo...

Capítulo 10

A aldeia dos canibais

A estranha viagem continua, sempre em direção ao sul. A tarde já caminha para o crepúsculo, quando um solavanco deixa o trenó imóvel, enquanto o bater de asas do pássaro vai se distanciando até desaparecer.

Seu Timón espia pela janelinha.

- Parece que pousamos. É melhor eu ver primeiro, antes de vocês descerem.

Abre a porta do trenó e olha para fora.

- É... acho que estamos no ninho daquele bicho.

Todos desembarcam, inclusive Migão. Estão no topo de um alto penhasco. Teca fala num gemido:

- E se ela voltar e quiser... nos jantar?

- Acho mais fácil ela querer nos adotar - brinca Serginho. - Aí a Teca vai ser filhote de águia... Uma aguiazinha sem asas.

Teca olha para o irmão com os olhos muito arregalados, mas antes que diga qualquer coisa, seu Timón dá uma informação ainda mais assustadora.

- Deve ter cobra por aqui. É bom ter cuidado.

- Não brinque com a gente, seu Timón - pede a menina, quase em pânico. - Se aqui tem cobra eu vou embora de qualquer jeito. Eu morro de medo...

- Só se pedir carona para a águia - diz Serginho. Acho que vamos acabar mesmo é dividindo o trenó com as cobras.

Teca está tão apavorada que Gilberto fica com pena.

- É conversa deles, maninha.³¹ Não se preocupe que a gente dá um jeito

de sair. Aliás, daquele lado ali, acho que dá para descer. O Serginho vai na frente e se tudo der certo... aí a gente também desce.

Serginho pergunta com ar desconfiado.

- Por que eu na frente?

- Porque você é o mais gordinho. E se em vez de um caminhozinho encontrar uma caidazinha... não vai nem se machucar. Aí então a gente resolve se desce ou fica aqui.

Serginho, tão acostumado a rir de tudo, não percebe a brincadeira de Gilberto e comenta, magoado:

- Eu pensei que vocês gostassem mais de mim.

Gil dá-lhe um tapinha amigável.

- Estou brincando, seu bobo. Se a gente tiver que dar o “mergulho” vamos todos juntos... Não somos irmãos?

Serginho sorri, satisfeito. Gosta dos irmãos e de sentir-se amado por eles. Enquanto isso Migão, como se entendesse, aproxima-se da beira do precipício e com sua mímica especial mostra que por ali dá para descer. De fato, se conseguissem uma corda...

- Será que no trenó não tem alguma corda? - pergunta Serginho.

- É mesmo - exclama Gil. - Vamos ver.

Não havia exatamente o que eles queriam, mas com algumas rédeas de rena, conseguem fabricar uma corda razoável e dez minutos mais tarde preparam-se para descer. Teca, medrosa como sempre, coça o canto da boca, choramingando:

- Não sei o que é pior: ficar aqui em cima com as cobras ou descer por essa cordinha.

- Eu vou primeiro - diz Gilberto. - Vocês vão ver como é moleza.

Mal acaba de falar ouve-se um ruído como se uma tempestade estivesse se aproximando. Olham e um grito sai de todas as gargantas. A águia gigante está voltando para o ninho. Sem tempo para mais nada Gilberto começa a descer pela corda improvisada seguido pelos outros. Felizmente alguns arbustos que crescem nas encostas os escondem da águia, que fica voando em torno dos rochedos a sua procura.

O grupo chega embaixo com alguma dificuldade e alguns poucos arranhões, mas, o que importa é estar a salvo.

- Arre! - exclama seu Timón. - Quase que ela nos pega. Escapamos por pouco...

Mas a alegria do grupo logo se transforma em aflição. Como se esperassem por eles, vários nativos surgem do meio das árvores, amarrando-os rapidamente.

- Será que pulamos da frigideira no fogo? - pergunta Serginho, que até numa circunstância como essa não perde seu jeito brincalhão.

Três nativos truculentos levantam as crianças carregando-as sobre os ombros e aquela estranha procissão parte rumo à planície.

Depois de uma caminhada interminável, chegam a uma aldeia onde são recebidos com muita algazarra, num grande pátio. Os aldeões formam uma fila para olhar os recém-chegados bem de perto e tocá-los com as costas das mãos, como se fosse um ritual. Teca, apavorada,³² lembrando filmes de antropófagos e

caçadores de cabeças, pergunta a seu Timón, quase sem voz:

- Que será que vão fazer com a gente?

Seu Timón, apesar de muito preocupado, tenta acalmar a menina:

- Não creio que nos façam mal.

- Talvez só queiram nossas cabeças para enfeitar suas casas - diz Serginho.

- Pára com isso, Serginho - ralha Gilberto. - Será que nem mesmo numa situação como esta você consegue deixar de brincar?

- O pior é que não estou brincando. Olha aqueles homens carregando lenha... Acho que é para nos cozinhar.

- Consulte o mini, Gilberto! - exclama de repente, Teca.

- Já consultei - responde Gilberto, desanimado. - Não acontece nada; a tela está escura. Acho que ele quebrou na descida.

Teca começa a chorar, mas seu Timón adverte:

- Segura as lágrimas, Teca. Pelo que sei os nativos não gostam de choro. Eles podem ficar zangados.

Teca engole as lágrimas a muito custo. Seu Timón segura-lhe a mão, tentando acalmá-la.

- Cadê o Migão? - pergunta Gilberto, olhando em todas as direções. - Será que ele se perdeu da gente? ... Pobre Migão!

- Pobre? - pergunta Serginho, com expressão incrédula. Ele é muito é felizardo. Escapou da sopa.

De repente, ouve-se um som prolongado, como de um instrumento de bambu. Todos os nativos correm, com exceção dos carregadores de lenha e de quatro homens musculosos que fazem guarda, com lanças nas mãos.

Gilberto olha em todas as direções avaliando a situação e por fim pergunta:

- E se a gente saísse correndo?

- Nem pense - responde seu Timón. - Vamos esperar. Talvez apareça alguma ocasião melhor.

Minutos mais tarde os habitantes da aldeia começam a voltar, pintados com cores vivas e festivamente vestidos. Os homens que carregavam lenha, levantam uma pequena plataforma e ao lado uma fogueira, sobre a qual colocam duas gigantescas panelas com água.

- Eles vão nos cozinhar - geme Teca.

- Será que eles vão nos cozinhar a fogo lento? - pergunta Gilberto, horrorizado.

- Talvez seja melhor a gente tentar fugir - diz Serginho. - Eu prefiro morrer de lança do que cozido num panelão desses, com sal, cebola e outros temperos. Seria humilhante demais.

- Eu acho que o Serginho tem razão - diz seu Timón. - Se vamos morrer mesmo, é melhor tentar a fuga. De repente, podemos ter sorte...

- Eu também acho - concorda Gilberto. - Mas vamos esperar mais um pouco. Talvez eles comecem a beber.

- É mesmo - diz Teca mais animada com essa possibilidade. - Se eles ficarem bêbados vai ser mais fácil a gente fugir.

Os quatro lanceiros, como se tivessem entendido, agarram-nos e os atiram para dentro de uma espécie de prisão, um³³cercado feito de bambu, amarrando a porta

por fora.

- A coisa está ficando mesmo preta - diz seu Timón com ar preocupado.

Os nativos estão cada vez mais ativos. Enquanto alguns vão olhar os prisioneiros, outros trabalham na limpeza e ornamentação do local. De repente, ouvem-se toques de tambor, seguidos de outros instrumentos de percussão. Um grupo de músicos desemboca no pátio e pára em frente à plataforma, continuando a batucada. Atrás dos músicos um grupo de mulheres vistosamente vestidas, sem dúvida, as damas daquela sociedade tão primitiva. Depois das mulheres entra a comitiva real, acompanhando um casal de monarcas. Todos passam, como em procissão, diante dos prisioneiros, olhando-os com ar estranho. O rei e a rainha demoram mais tempo, observando-os com muita atenção por entre as grades de bambu.

- Acho que estão calculando o nosso peso, para ver o valor da refeição - diz Serginho num sussurro.

A festa tem início assim que os monarcas instalam-se em duas poltronas, tipo tronos, sobre a plataforma. Grupos de homens e mulheres começam a dançar diante deles, em estranhos rituais.

A noite vai se aproximando, trazendo em suas sombras a esperança de fuga, enquanto no pátio os nativos continuam batucando e dançando. Os lanceiros haviam trazido um grande barril com bebida, distribuindo para quem quisesse. Alguns já estão meio bêbados, inclusive o casal de monarcas.

Capítulo 11

A difícil decisão

O sol se põe, acenando com as sombras tão esperadas pelo grupo, mas no outro extremo o horizonte já mostra o esplendor de uma lua nascendo em pleno apogeu. Na praça, as claridades da fogueira não conseguem competir com sua luminosidade, mas dão à noite um³⁵toque mágico.

- Acho que a gente deve fugir logo, antes que a lua suba mais - pondera Gilberto.

- Fugir como? - pergunta Teca. - Só se alguém abrir pelo lado de fora.

Mas antes que surja uma idéia salvadora um leve grunhido quase arranca um grito de Teca. Seu Timón tapa-lhe a boca, dizendo baixinho:

- Olhem, é o Migão.

Os prisioneiros olham pelas frestas dos bambus e vêem o chimpanzé acompanhado dos ex-tristes, o alto e o baixo.

Gilberto fica tão feliz que até esquece a terrível situação em que se encontram. Segura a mão do macaco por entre as canas de bambu e exclama:

- Eu sabia que você não ia nos abandonar!

- Fale baixo Gilberto - recomenda seu Timón.

O alto faz sinal para que fiquem quietos, enquanto o baixo rodeia o cercado e consegue chegar até o portão e abri-lo, sem dificuldade.

Os prisioneiros saem silenciosamente, conseguindo atravessar o pátio e afastar-se bastante, sem serem notados.

- Foi esse macaco quem nos arrastou até a aldeia, explica o alto.

Gilberto, radiante, abraça Migão.

- Você nos salvou, Migão! Você é grande!

De repente, ouve-se grande algazarra pelas bandas da aldeia. Claridades de tochas correm em várias direções, refletindo clarões ameaçadores na galharia das árvores.

- Vamos fugir!... Depressa!!! - exclamam os ex-tristes.

Seu Timón pega Teca pela mão, o alto ajuda Gilberto que, por sua vez segura na mão de Migão e o baixo se encarrega de Serginho, correndo todos como podem sob as claridades do magnífico luar, procurando afastar-se o mais rápido possível daquele horrível lugar.

Mas os gritos dos perseguidores aproximam-se mais e mais. As crianças empregam todas as energias para tentar escapar e seu Timón resfolega pelo esforço da corrida.

Os nativos estão cada vez mais perto... tão perto que quase dá para sentir seu hálito de comedores de carne humana .

Algumas flechas passam zunindo e uma delas atinge Migão nas costas. O alto pega na outra mão do animal, ajudando-o a correr mas ele cambaleia e acaba caindo. O ex-triste coloca-o nas costas para recomeçar a corrida mas os nativos já os cercam dando gritos de vitória.

Os fugitivos olham uns para os outros com desalento, como quem “entrega o couro às varas”.

O destino parece estar conspirando contra eles, como se os estivesse empurrando para os estômagos famintos daqueles nativos.

Um doloroso suspiro estufa o peito dos ex-tristes e o alto comenta, em tom magoado:

- Terminar assim, estupidamente, numa festa de antropófagos... Logo agora que encontramos o grande tesouro, a alegria.

Os nativos, vendo que as presas³⁶não têm como fugir, começam um ritual de

danças, circulando em torno deles, com gestos e gritos ameaçadores.

As crianças baixam os olhos para o chão, não querendo ver, e percebem que este vai tomando uma coloração estranha. Olham para cima e vêem surgindo do meio das estrelas um foco de luz em tons de azul marinho. A luz aproxima-se rapidamente envolvendo o grupo e sugando-o para o alto, deixando os nativos confusos e apavorados.

- Ufa! - exclama seu Timón, dando um suspiro de alívio. - Essa foi por pouco.

Aquela estranha luz continua içando o grupo que logo dá entrada numa enorme nave espacial estacionada a grande altura. O salão onde se encontram é igual à da assembléia comandada por Ashtarih. O alto e Gilberto colocam Migão sobre um degrau da arquibancada. Com muito cuidado conseguem retirar a flecha e fazem uma atadura com o cachecol da Teca. O estado do animal parece melindroso.

Gilberto senta a seu lado, alisa-lhe o pêlo macio e diz, com a voz embargada pelas lágrimas:

- Você vai ficar bom, Migão... nós vamos cuidar de você.

O grupo, reunido em torno do chimpanzé, aguarda em aflitiva expectativa. Teca, desconfiada, pergunta em voz baixa:

- Será que isto aqui é da verdadeira ou da falsa Ashtarih?

- Só esperando para ver - responde seu Timón. - Mas algo me diz que é da falsa.

Mal acabam de falar entra Fávía, desta vez sem tentar passar por Ashtarih. Traz uma capa longa em tons de vermelho, azul marinho e dourado ricamente bordada e na cabeça uma tiara, com pedras preciosas.

Pára em frente ao grupo, olhando intencionalmente para as crianças, e fala sem rodeios:

- Eu tenho uma proposta para vocês. Venham, por favor. Só as crianças.

- Nada feito - exclama Gilberto. - Seu Timón e Migão também...

Fávía pensa por instantes e acaba concordando. Seu Timón levanta Migão cuidadosamente e o grupinho segue a garota até outro salão. Numa das pontas há um grande painel de comando em frente a um enorme globo representando a Terra, girando no espaço. Em seu giro ela vai sendo iluminada por um grande foco, que seria o sol. Todos os países aparecem demarcados por linhas e as grandes potências surgem em cores mais brilhantes e fortes. Na outra ponta, uma mesa com cadeiras, para a qual Fávía conduz os “visitantes”, convidando:

- Sentem-se.

Migão é cuidadosamente colocado num sofá e o grupo toma assento à mesa. Fávía olha as crianças uma por uma e diz com firmeza e sem rodeios:

- Como vocês sabem, o grande Ruk Pollus está se preparando para governar o mundo. E para consegui-lo... falta pouco.

Faz um gesto largo com a mão abarcando o grande globo, e continua:

- Nós vamos fazer deste planeta tudo o que quisermos... Entenderam?

Fávía tenta sorrir para tornar-se simpática mas está tão acostumada à frieza de sentimentos que só consegue fazer uma careta. Teca, conseguindo dominar o medo, pergunta com ar ingênuo:

- Se vocês são tão poderosos³⁷ assim, por que estão querendo nossa ajuda?

Seu Timón sorri da pergunta inteligente, enquanto Fávía responde:

- É porque precisamos do trabalho de vocês para completar nossas reservas de energia.

Fávía olha intensamente para as crianças, como a passar-lhes um pouco de sua própria ambição e continua:

- Pollus é muito generoso com quem o serve... Muito generoso mesmo.

Faz-se insinuante.

- Vocês podem escolher... podem pedir qualquer coisa... riqueza, poder... qualquer coisa.

- Qualquer coisa mesmo? - pergunta Gilberto.

Pelos olhos de Fávía perpassam reflexos de vitorioso prazer, pois já conta como certa a adesão das crianças.

- Qualquer coisa, Gilberto. É só pedir... Imaginem tudo aquilo que vocês mais possam desejar.

Gilberto olha para Migão, profundamente penalizado. Suspira, pensando: “O que eu mais queria agora é ver o meu amigo curado”

Como se adivinhasse o pensamento de Gil, Fávía vai até o animal e toca-o com a ponta do dedo procurando disfarçar o nojo.

- Nós temos meios de tratá-lo. Temos médicos, veterinários... tudo que é preciso. É só vocês se decidirem a nos ajudar...

As crianças estão silenciosas. Fávía pensa que estão avaliando sua oferta. Trata de apelar. Vai até Gil e puxa-o pela mão levando-o até Migão.

- Não quer salvar o seu amigo? - pergunta em tom incisivo.

Gilberto ajoelha-se ao lado do macaco, alisa seu pêlo macio e fica olhando para ele com olhar distante, como quem consulta a própria consciência... ou pede perdão.

Fávía observa a cena. Não quer dar tempo ao grupo para pensar. Puxa Gil delicada mas firmemente para junto da mesa.

- Vocês, Teca e Serginho também podem pedir qualquer coisa que quiserem... O senhor também, seu Timón.

Fazendo-se mais insinuante, conclui:

- Vamos... peçam!

Os “Praxedinhos” trocam um olhar e se entendem. Gilberto volta para junto de Migão, abaixa-se e fica olhando para ele. Duas lágrimas se formam em seus olhos. Abraça o animal, enterra o rosto no pescoço peludo sussurrando um pedido de perdão e volta para junto dos outros. Tem lágrimas nos olhos mas encara Fávía com serenidade.

- Está bem. Então vamos pedir...

A garota sorri, com ar vitorioso. Gilberto levanta a cabeça, estufa o peito, fixa os olhos nos dela e diz com firmeza:

- Nós queremos que haja paz na Terra; que haja fraternidade, justiça, honestidade e respeito. Que todos os seres humanos tenham direito a uma vida digna e com plena liberdade.

A expressão vitoriosa de Fávía muda rapidamente, enquanto Gil conclui, olhando firme para ela e falando com segurança.

- É isso que nós pedimos... e³⁸queremos. E é por isso que vamos lutar...

nem que seja até a última gota do nosso sangue... sempre.

Fávia não contava com essa reação das crianças. Tem vontade de esganá-las, mas contém-se. Fala, procurando abrandar a voz.

- Isso é utopia...

Serginho pergunta, ingenuamente:

- O que é utopia?

Seu Timón observa quando Teca dá uma leve cutucada em Serginho e Gilberto por baixo da mesa, mostrando-lhes a pedra cor-de-rosa que Ashtarih lhe dera. Percebe que é importante distrair Fávia e ganhar tempo. Sorri sob o bigode grisalho e explica:

- Utopia é um país imaginário do escritor inglês Thomas Morus, que viveu pelo ano 1500 da nossa era. É um país onde o governo é organizado de maneira a proporcionar ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz...

Fávia interrompe, exclamando:

- O que é absolutamente impossível.

- Eu acho que só é impossível se as pessoas não quiserem - diz calmamente seu Timón, observando as crianças pelo canto do olho. Percebe que elas estão com as pontas dos dedos encostadas na pedrinha e por suas expressões dá para perceber que estão concentradas em emoções de amor.

Fávia arregala os olhos. Não sabe que sensação estranha é aquela que lhe penetra os sentimentos. Sua expressão se abranda e todo o corpo relaxa. Aos poucos um suave sorriso começa a se esboçar em seu rosto.

Mas a porta se abre intempestivamente e entra Ruk Pollus, enraivecido, acompanhado de cinco gigantes, nus da cintura para cima. Outros dois entram arrastando os ex-tristes. Com voz estentórica, grita:

- Levem-nos! Levem-nos depressa! Todos eles! Depressa!

Os homens agarram os “visitantes”, inclusive Migão, e os levam para uma espécie de plataforma de desembarque. A grande nave pousa numa planície onde são largados nossos amigos. Os gigantes retornam rapidamente a bordo e o estranho aparelho decola, desaparecendo quase em seguida.

A ação foi enérgica e rápida.

Serginho, como não podia deixar de ser, comenta:

- Pôxa! Escapamos fedendo!

Seu Timón faz um curativo em Migão, usando umas ervas medicinais que encontrou à beira de um pequeno córrego, comentando:

- Vamos ver se com isto podemos salvar nosso amigo...

Todos estão muito cansados e procuram acomodar-se da melhor forma possível. Felizmente há palha e folhas secas. Gil, é claro, ao lado de Migão. Seu Timón, olhando as estrelas que brilham intensamente no céu, fala como se estivesse dizendo a si mesmo:

- Duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim.

- Que legal, seu Timón! exclama Gilberto. Não sabia que o senhor era poeta.

- O que significa isso de “a lei moral dentro de mim”? - pergunta Serginho, com voz de sono.

- Isso foi dito por Kant, um filósofo alemão que viveu no século XVIII - explica seu Timón. - Para ele, todas as pessoas sabem o que é certo e errado. Não porque aprenderam mas porque a lei moral é algo que faz parte da própria razão. Alguns filósofos acham que a consciência é uma parcela de Deus em nós.

Gil fica pensativo por instantes. Depois comenta:

- Mas nem sempre a gente sabe se está agindo certo, ou não.

- Há uma regra básica, infalível - esclarece seu Timón. - É só fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem.

Teca comenta entre dois bocejos:

- A maioria das pessoas faz o contrário...

- Mas não são felizes - afirma seu Timón. - Quem age contra a consciência está violentando a si mesmo.

Mais alguns minutos e todos dormem sob a suave claridade das estrelas.

Capítulo 12

A armadilha

Gilberto acorda com alguém lhe fazendo um cafuné. O dia já está claro e, recortado sobre o azul do céu, a figura de Migão coçando-lhe a cabeça. Olha atônito para o animal e seus olhos vão se enchendo de lágrimas.

- Migão, você está curado! - exclama. Em seguida grita para os demais:

- Gente, o Migão está curado!

Os outros acordam e vão acarinhar o chimpanzé, felizes com sua recuperação. Até Teca se encoraja a chegar mais perto. Seu Timón examina o animal e finalmente diz:

- É... parece que ele está bem...

Minutos mais tarde os ex-tristes despedem-se, seguindo caminho. Seu Timón, as crianças e Migão partem na direção das montanhas. Duas horas mais tarde chegam à entrada de uma caverna encravada nas paredes de um “canyon”. Seu Timón entra e os outros seguem atrás. Andam um pouco e chegam diante de uma parede com uma porta fechada. Em cima, uma placa onde se lê: “FAÇA UMA BOA AÇÃO E RECEBA UMA GRANDE RECOMPENSA”.

Teca coça a ponta do nariz.

- Que esquisito! Se alguém faz uma boa ação para receber uma recompensa...

- Já não é uma boa ação - completa Gilberto.

Seu Timón abre a porta e entram numa sala que mais parece uma loja. Nas paredes, várias prateleiras com objetos ainda dentro das embalagens originais: inúmeros tipos de brinquedos, roupas exóticas, eletrodomésticos, jóias... Os olhos das crianças brilham ao olhá-los. De repente, Gilberto exclama:

- Um vídeo-game! Olha Serginho, é o nosso... aquele que a gente morre de querer...

- O meu patim! exclama Teca, segurando um belo modelo de patim nas mãos. Eu sempre quis ter um desses.

Seu Timón observa uma pequena bolsa com uma plaquinha onde está escrito: “Bolsa mágica. Contém sete moedas de ouro. Sempre que seu dono tirar uma, surge outra igual em seu lugar”.

- Arre!!!... Quer dizer que o dono desta bolsa pode ser a pessoa mais rica do mundo - diz seu Timón para si mesmo. - É só ir tirando moedas de ouro.

Até Migão apanha um brinquedo, um boneco com cara engraçada. Nisso, abre-se uma porta nos fundos da sala. Os cinco olham desconfiados.

- Se a porta está aberta acho que é para a gente passar - diz seu Timón, passando para o outro lado.

As crianças largam os brinquedos nas prateleiras e o seguem, desembocando numa gruta cheia de estátuas assustadoras. Parecem pessoas petrificadas: homens, mulheres e crianças. Teca se aproxima para olhá-las mais de perto, dá um grito e corre a abraçar-se com Gilberto, exclamando:

- Essas estátuas parecem gente!

Mas os sustos não ficam por aí. No fundo da gruta, sentado num grande trono de ouro todo cravejado de pedras preciosas, um homem vestido como um rei, mas com ar muito triste. Tem os pulsos algemados ao trono. Ao ver os visitantes, por seus olhos passa um reflexo de esperança.

- Sejam bem-vindos, diz com entonação ansiosa. Eu sou o Rei destas montanhas.

As crianças olham-se, assustadas. Seu Timón apresenta um ar enigmático.

- Aproximem-se, por favor -42continua. - Não tenham medo... Não estão

vendo que estou algemado?

As crianças e seu Timón aproximam-se e Migão vai até o trono examinar tudo com sua natural curiosidade. O Rei continua, com tristeza na voz:

- Antigamente, todos os dias eu cavalgava ao amanhecer, despertando a natureza...Tudo tinha vida e beleza. As encostas eram cheias de mata, pequenos riachos e magníficas cascatas. Havia muitos animais silvestres, muitos pássaros... tudo era alegria.

As crianças estão impressionadas. Teca, penalizada, pergunta:

- O que aconteceu?

- O gênio do mal conseguiu me prender aqui. Não posso mais acordar a natureza ao alvorecer. Vocês devem ter visto que lá fora está tudo morto.

- E não se pode fazer nada? Ninguém pode soltar o senhor? - pergunta Serginho.

- Pode sim. Qualquer pessoa pode. Se quiserem, vocês podem me libertar.

O Rei faz pequena pausa e conclui com indisfarçável ansiedade na voz.

- E podem pedir qualquer coisa como recompensa.

Os olhos de Serginho brilham, ao perguntar:

- Podemos pedir o vídeo-game?

- Podem sim. Qualquer coisa... até mesmo aquela bolsa mágica.

- Bolsa mágica? - pergunta Teca, muito curiosa.

- É uma bolsa com sete moedas de ouro - explica o Rei. - Quando seu dono tirar uma aparece outra no lugar.

As crianças, maravilhadas, retornam correndo à sala dos brinquedos. O rei espera, com expressão terrivelmente ansiosa, pensando: “Será que eles vão cair na armadilha?”

Capítulo 13

As estátuas de pedra

Enquanto as crianças escolhem suas recompensas, no gabinete de comando da nave de Ruk, este e Fáva observam num monitor de TV cada detalhe da cena.

- Eu acho que eles vão cair - arrisca Fáva. - A tentação é muito grande.

Faz uma expressão maldosa e conclui:

- Assim ficamos livres deles... para sempre.

Ruk dá um murro na mesa do monitor e fala com ódio:

- Três míseros fedelhos ganhando batalhas contra Ruk Pollus!!!

Anda um pouco pela sala e esbraveja:

- Mas eles me pagam. Vou transforma-los em brita... e eles vão servir

de alicerce para a minha estátua, quando eu for o dono do mundo.

Na sala dos brinquedos as crianças continuam olhando tudo para melhor poderem escolher as recompensas. Mas não estão mais tão entusiasmadas quanto antes. Gilberto externa o pensamento dos três.

- Vocês acham certo a gente pedir recompensa por uma boa ação?

Olham umas para as outras em silêncio e suas expressões alegres vão murchando. Sem dizer palavra devolvem os brinquedos às prateleiras. Gilberto tira o boneco das mãos de Migão, dizendo com carinho mas firmeza:

- Migão, desta vez não vai dar.

Seu Timón sorri embaixo do bigode grisalho, acompanhando as crianças de volta à gruta das estátuas. Gilberto, como porta-voz do grupo, dirige-se ao Rei.

- Desculpe, seu Rei, mas nós não queremos recompensa. Basta o senhor dizer o que é preciso fazer.

Mal acaba de falar as algemas abrem-se misteriosamente. O Rei levanta as mãos olhando para elas, quase sem acreditar em tamanha ventura. Quando se convence de que está livre uma expressão de indizível felicidade vai se espalhando por seu rosto. Volta-se para o alto em gesto de gratidão, enquanto duas grossas lágrimas se formam em seus olhos.

- Até que enfim!... Até que enfim, meu Deus - exclama. - Eu estou livre... livre!

As crianças estão mais do que espantadas e seu Timón sorri abertamente. O Rei levanta-se e desce daquele trono-prisão, movimentando os braços para fazer retornar a circulação. Aproxima-se das crianças, ajoelha-se diante delas dizendo, com lágrimas nos olhos e na voz:

- Obrigado. Muito obrigado. Vocês salvaram mais do que a minha vida. Vocês me deram a liberdade.

- Mas nós não fizemos nada - exclamam os três ao mesmo tempo.

O Rei, profundamente emocionado, explica com a voz embargada pelos soluços que procura conter:

- Para eu ficar livre era preciso aparecer alguém grande o bastante para não aceitar recompensa pela boa ação.

Serginho, sem entender bem o sentido daquelas palavras, replica:

- Mas nós não somos grandes... somos crianças.

Seu Timón não consegue conter o riso, que soa estranhamente dentro daquela cena repleta de emotividade. O Rei olha para ele, levanta-se e vai abraçá-lo, exclamando:

- Como são inocentes essas crianças! Tão dignas e nobres...

Apontando o dedo para as estátuas, continua:

- Estão vendo? Todas elas são pessoas que aceitaram recompensa para me libertar e foram transformadas em pedra.

Um frêmito de horror perpassa pelo grupo. Os “Praxedinhos”, assustadíssimos, ficam algum tempo olhando para aquelas pessoas transformadas em pedra, pensando que agora elas próprias poderiam estar assim. Só seu Timón permanece sorridente, como se já conhecesse aquele enredo. Finalmente, Gilberto, recuperando-se um pouco do susto, pergunta:

- Quer dizer que se a gente tivesse aceito recompensa para libertar o

senhor... agora...

- Agora vocês estariam ali, transformados em pedra - completa o Rei.

Antes que alguém possa dizer qualquer coisa uma suave luz dourada ilumina a gruta e aparece Ashtarih, a verdadeira. Olha em torno, sorri e diz com sua voz encantadora:

- Estou muito feliz de ver que na Terra existem pessoas boas, pacíficas e honestas. Por isso podemos dizer que há esperança.

Aproxima-se das crianças, olha para elas com carinho e continua:

- Vocês vêm cumprindo sua missão com louvor... Parabéns.

E, ante suas expressões de contentamento, conclui:

- Agora vão voltar para casa, para o mundo real.

Gilberto olha para Migão, querendo saber qual será o seu destino. Ashtarih segura na mão do chimpanzé.

-Não se preocupe, Gilberto. Ele vai ficar comigo. Assim que estiver completamente restabelecido vou devolvê-lo à sua família.

Gilberto abraça o amigo macaco, despedindo-se dele. Teca está num pé e noutro para fazer uma pergunta. Ashtarih antecipa-se:

- Você está querendo saber como está indo nossa luta contra Ruk Pollus. Está indo muito bem... até agora.

Todos percebem que há algo importante. A menina continua:

- Mas ele está furioso. E ele é muito mau, é perverso... não tem escrúpulos.

Agora, vai atacar com tudo!...

Fica silenciosa por instantes e conclui:

- Estou certa de que o Ruk vai voltar-se especialmente contra vocês três.

- Por que nós? - pergunta Teca, com medo.

- Porque vocês causaram grandes prejuízos a ele. Vocês trabalharam muito bem e... aquela Energia Psi Positiva que conseguiram canalizar lá na festa dos animais... foi um golpe rude para as suas pretensões. Além disso... vocês o desafiaram.

Serginho pergunta, com ar inocente.

- Desafiamos?

- E dentro de seus próprios domínios - afirma Ashtarih, com um sorriso.

Teca, com expressão preocupada, pergunta:

- E o que vai acontecer agora?

Ashtarih alisa-lhe o cabelo e diz com convicção:

- O medo, Teca, é um sentimento negativo. A gente deve ser cuidadoso, precavido, mas não medroso. E deve confiar no Comando Solar. Depois disso... é só usar a inteligência, o amor e a alegria.

Gil percebe que a menina ainda tem algo importante a dizer. Pergunta:

- Tem mais alguma coisa?

- Sim... Vocês já sabem que o Ruk está fazendo tudo para aumentar suas reservas de Energia Psi Negativa.

Ashtarih faz pequena pausa, como a dar tempo para as crianças assimilarem bem a realidade da situação, antes de concluir:

- Com isso, como vocês já sabem, ele pretende dominar as mentes das pessoas que utilizam computador.

- Será que ele vai conseguir? - pergunta Gilberto, muito preocupado.

- Só se ele puder dobrar suas reservas de Energia - responde seu Timón.

Ashtarih olha para as crianças com ar muito sério, dizendo:

- Imaginem as milhões e milhões de pessoas que lidam com computador...

Todas elas com as mentes dominadas, escravizadas por Ruk Pollus, obedecendo cegamente suas ordens. Seriam milhões de Ruks espalhados no mundo todo, nas empresas, escolas, repartições... dentro dos lares... onde tiver um computador.

- Que horror! - exclamam Teca e Serginho.

- Isto seria terrível demais! - diz Gilberto, horrorizado.

Ashtarih fala pausadamente.

- Se ele conseguir dobrar suas reservas... e é isso que ele vai tentar de todas as formas possíveis e por todos os meios.

Serginho, com ar aflito, pergunta:

- E as outras crianças estão sabendo disso?

-Todas estão sendo convocadas para a grande batalha. É uma batalha onde as armas não são bombas, fuzís ou metralhadoras, mas a mente e a emoção.

Pelo azul dos olhos de Ashtarih passam intensos reflexos dourados. Olha as crianças bem dentro dos olhos, uma por uma, como a lhes passar um pouco do seu poder, da sua força, e diz, pausadamente:

- Nós estamos contando com vocês.

E diante do olhar espantado dos três, Ashtarih e seu Simon desaparecem, como se estivessem numa tela de computador que é fechada.

Os “Praxedinhos” olham uns para os outros com ar sério. Serginho é o primeiro a comentar:

- É... eu acho que a briga vai ser feia.

- Vai ser feia... mas nós temos que vencer - diz Teca com um inesperado toque de firmeza.

Gilberto, meio admirado com o tom de voz da irmã, exclama:

- É isso aí, mana.

Pensa um pouco e conclui:

- Só que não vamos ficar parados esperando o Ruk nos atacar.

Teca, intrigada, pergunta:

- Que é que você está pensando?

Gilberto sorri matreiramente.

- Lembra do que a Fávía disse, sobre falarmos com as crianças da Terra?

Olha em torno, como a certificar-se de que ninguém vai ouvi-lo. Faz uma rodinha com os irmãos e continua a conversa em voz cochichada. Ao término, Serginho dá uns pulinhos de entusiasmo. Teca está mais cética.

- Acho que você está doido, Gil... Isso é impossível!

- É difícil – responde. Mas já pensou se a gente conseguir? Vai ser um gol e tanto!

Sentem um suave movimento rotativo, que vai aumentando de intensidade, enquanto um zumbido estranho lhes enche os ouvidos. De repente tudo pára e fica silencioso. Olham em torno e percebem que estão em casa. Desligam o computador e vão até a cozinha procurar algo para⁴⁶comer.

Os pais já se encontram em casa, de volta da viagem. Por suas expressões, as crianças percebem que eles estão sabendo de tudo. Gilberto, como filho mais velho, encarrega-se de contar-lhes parte das peripécias do grupo, vividas no mundo virtual.

Capítulo 14

O que pode salvar a Terra

Na segunda-feira, depois da aula, vamos encontrar os “Praxedinhos” na portaria de uma emissora de rádio pedindo para falar com o Diretor. O porteiro olha-os com ar aborrecido.

- Já disse que não dá. Seu Duarte não tem tempo para conversa fiada.
- Não é conversa fiada - diz Gilberto. - É coisa para dar muita audiência.
- Ele precisa ouvir a gente - insiste Serginho.

Seu Duarte entra casualmente na portaria. Vê as crianças e pergunta:

- Que confusão é essa?
- São essas crianças, seu Duarte - responde o porteiro. - Querem falar com o senhor.

Dá para ver que seu Duarte está de mau humor. Gil puxa conversa com ele, para distraí-lo, enquanto Teca e Serginho trabalham com seus instrumentos, ou seja, a pedrinha e a canetinha.

- É que nós queremos fazer um programa de rádio - diz Gilberto

Seu Duarte olha-o de cima abaixo e diz com desdém:

- Ora, me poupem...
- É um programa infantil - insiste Gilberto. - E o senhor sabe que não tem ninguém melhor que criança para falar com outras crianças.

A má cara do homem vai se modificando lentamente, ficando mais amigável. Olha longamente para os três e decide-se.

- Está bem. Vamos conversar... venham!

As crianças o acompanham pelo corredor até uma porta onde está escrito: “DIRETOR”. O homem abre-a e os quatro entram.

- Um programa infantil... - resmunga seu Duarte, sentando-se atrás do birô. - Que tipo de programa?

- O nome do programa vai ser “Os Mensageiros de Ashtarih” - diz Gilberto - e tem relação com violência e corrupção.

O homem olha espantado para os três e pergunta:

- O que é que crianças como vocês vão saber falar sobre isso?

- Nós não vamos falar sobre a violência ou a corrupção - responde Teca - porque isso é só o que dá nas tvs, nas rádios e nos jornais, todos os dias e o dia todo. Nós achamos que o público precisa de outro tipo de coisas.

- Outro tipo de coisas... Ou vocês são loucos, ou gênios.

Pensa um pouco. Anda de um lado para o outro resmungando. Finalmente pára em frente aos “Praxedinhos”, balança a cabeça e diz:

- Está bem. Eu vou dar um horário para vocês... Só 10 minutos, está bem?

As crianças vibram de alegria. Já esperavam por isso, porque percebiam que o comando daqueles acontecimentos estava em outras, mais elevadas mãos.

- Quando é que querem começar?

Acertados os detalhes, os “Praxedinhos” correm para casa, ansiosos para contarem aos pais e começarem a roteirizar seu programa.

No dia seguinte, à hora marcada, lá estão eles na rádio. Nunca tinham entrado num estúdio e estão muito assustados. O relógio na parede mostra que faltam apenas 5 minutos para entrarem no ar. Um frio percorre a barriga de Teca e a voz parece engasgada no meio da garganta, formando um nó. Serginho, apesar da constante alegria, está sério e Gilberto silencioso, repassando na mente o que vai dizer.

- Nós somos uns bobos - diz de repente Teca, recuperando a voz. - Vamos nos concentrar em nossos poderes, buscando calma e inspiração.

- É mesmo... - dizem os outros.

Os três se concentram e logo suas expressões estão mais leves, relaxadas.

Finalmente o ponteiro do relógio indica que chegou a hora. Ao mesmo tempo termina a música que estava tocando. O locutor fala:

- E agora, conforme foi noticiado, em nosso programa ALÔ BRASIL, em rede nacional, vamos ter a presença de três crianças com idéias de adulto. Com vocês... Os Mensageiros de Ashtarih.

O operador coloca a gravação preparada pelas crianças, começando com algumas notas fortes, passando em seguida para uma música suave. Baixa o volume fazendo sinal para Gilberto que começa a falar:

- Os Mensageiros de Ashtarih estão no ar, caro ouvinte. Somos apenas três crianças, mas representamos milhões de outras em todas as partes do nosso planeta. Eu sou Gilberto e aqui estão meus irmãos Teca e Serginho.

- Eu sou Teca - diz a menina. - Neste programa nós vamos falar sobre a violência, a injustiça e a corrupção... Por quê? Porque nós não queremos herdar de vocês um mundo tão violento, tão injusto e corrupto quanto este.

- E eu sou o Serginho - diz, por sua vez o caçula. - Eu também quero dar o meu recado. Quero dizer que se as crianças da Terra querem ter um mundo melhor, são os adultos que precisam mudar de comportamento.

Enquanto rola o programa, em seu gabinete de comando Ruk dá as últimas instruções a quatro homens mal48encarados. Fátia também está presente,

mexendo num rádio, procurando alguma estação.

Com seu vozeirão cavernoso Ruk pergunta:

- Vocês entenderam bem? Eu os quero mortos... todos os três.

Olha com expressão maligna para os homens e conclui:

- Ai de vocês se falharem! Já sabem o que vai lhes acontecer... não sabem?

Os mal encarados vão saindo de fininho, enquanto Fávía chama Ruk, toda alvoroçada:

- Ruk, ouça isto!

Fávía aumenta mais o volume e Ruk, primeiro surpreso, depois furioso, ouve a voz de Gilberto:

“Não é preciso falar sobre a violência. Você vê isso na rua, em casa, na TV... em toda parte.

E sabe por que as coisas na Terra estão desse jeito? É porque milhões de pessoas curtem a violência. Outros tantos milhões são desonestos e gananciosos... e seus pensamentos e emoções estão criando em torno do nosso planeta uma faixa de energia muito perigosa, chamada Energia Psi Negativa.”

Fávía está rubra de cólera e Ruk parece querer explodir. Os “Praxedinhos” continuam falando, um de cada vez: Gil, Teca, Serginho, voltando para Gil...

“Seja você também um Mensageiro de Ashtarih. Se ligue nessa idéia, embarque nessa canoa, que ela não é furada... Você, mesmo sendo criança, pode ajudar a salvar o mundo, a melhorar nosso planeta, transformá-lo num lugar mais justo e bom para todos.”

“É claro que você está perguntado: “Como? De que maneira?...” É simples: começando a mudar o rumo do pensamento e da adrenalina...”

“E aí vão umas sugestões: Quando assistir a um noticiário sobre violência, não entre nessa emoção. Pense na paz... na fraternidade... e envolva os implicados nessa vibração... paz e fraternidade.”

“E olha que isso não é nenhum conselho religioso. O seu Timón, que é um sábio, diz que pensar no amor e na paz faz bem à saúde, evita doenças pissi... como é mesmo o nome Gilberto?

- Psicossomáticas.

- Pois é... evita doenças pissico...somáticas.

Se as pessoas não pararem de curtir a violência, se não mudarem o rumo dos pensamentos e das emoções... a vida na Terra vai ficar insuportável... e nós não queremos isso.”

Ruk tem um acesso de raiva. Apanha um grande vaso de bronze e o joga furiosamente contra o rádio. Olha em torno e observa que os homens não estão mais no recinto.

- Cadê os homens? - pergunta, aos gritos.

- Não sei - responde Fávía, assustada com a fúria do Ruk. - Acho que saíram...

- Não deixa esses idiotas saírem - ordena Ruk.

- Por quê? - pergunta Fávía, temerosa.

- Não vê que se essas crianças morrem agora, vão virar heróis?... Vai! Depressa!

Chama eles aqui.

Fávía sai e Ruk resmunga, com⁴⁹expressão de ódio.

- Esses miseráveis não sabem com quem se meteram. Ah, desgraçados... deixa eu botar a mão em vocês!!!

Nesse meio tempo, no estúdio, os “Praxedinhos” continuam enviando seu recado a milhares de pessoas por todo o Brasil:

“É claro que você gosta de jogos, mas pense que nos jogos violentos, você vai criando aquela idéia de que matar é uma coisa comum, simples, sem problemas... E isto fica no seu inconsciente, estimulando a violência e destruindo a afetividade. E olha que foi a própria Ashtarih quem nos deu uma aula sobre esse assunto.

Se quiser jogar, colega, procure jogos não violentos. Se quiser ver um filme, tem tanto filme bom, sem violência...

Outra dica: pense muito na fraternidade, sinta amor pela sua família, seus amigos, seus colegas... porque só o amor, a fraternidade, podem salvar a Terra.

É isso aí, colega. Quando tiver muita gente pensando na fraternidade, na paz e no bem-estar para todos, o ambiente da Terra vai mudar...

Vai ficar menos agressivo... e aí vai ser mais fácil implantar a paz e a justiça.

E agora, para você se acalmar e curtir um pouco de harmonia, nós vamos encerrar o programa com uma música suave, que serena o sistema nervoso. Ouça o canto dos pássaros e imagine que está no meio da natureza, longe de tudo que possa perturbar a sua paz.

Amanhã estaremos de volta neste mesmo horário...

- Até amanhã... diz Teca, alegremente.

- Se o seu Duarte não nos despedir... conclui Serginho.”

No estúdio é uma gargalhada só pela observação de Serginho. As crianças levantam-se e vão saindo, encontrando seu Duarte que chega com larguíssimo sorriso.

- Mas que sucesso! O telefone não pára de tocar... Tem ligações de toda parte do Brasil.

As crianças estão surpresas. Não esperavam tanto sucesso. Seu Duarte, como bom empresário, quer garantir o filão.

- Eu vou preparar o contrato. Quero vocês aqui, todos os dias... Vamos ali, para a minha sala.

Os “Praxedinhos” acompanham seu Duarte, contentíssimos. Não é o sucesso em si que os empolga tanto, mas o fato de perceberem a importância do seu esforço como verdadeiros mensageiros da “não violência”, trabalhando sob a direção de Ashtarih e do Comando Solar.

Mas... enquanto festejam seu enorme sucesso, Ruk e Fátia planejam a melhor maneira de livrarem-se deles.

Capítulo 15

Serginho seqüestrado

No dia seguinte, pela manhã, os três brincam na calçada em frente à casa, quando um carro encosta junto a eles. Descem dois homens, seguram Serginho e o colocam dentro do veículo, que arranca e sai em disparada. Teca e Gilberto ficam pasmos.

- Seqüestraram o Serginho! – exclama Gilberto. - O que vamos fazer?
- Vamos avisar a mamãe.
- Vamos!

Os dois vão correndo para dentro, contar o que houve, gerando grande alvoroço. Seu Reynaldo, chamado às pressas, não sabe se deve ligar para a polícia ou esperar um contato dos seqüestradores. Dona Selma, com lágrimas nos olhos, procura segurar a própria aflição para não afligir mais ainda a família. Estão todos junto ao telefone, em grande expectativa.

Os minutos passam lentos como horas. Finalmente, o telefone toca. Seu Reynaldo pega o fone:

- Alô... Alô...

Ruk Pollus na outra ponta da linha, diz rudemente:

- Não é com você que eu quero falar, é com o Gilberto.

- Com Gilberto?... Está bem, está bem... mas por favor, não machuquem o Serginho... não machuquem meu filho.

Seu Reynaldo passa o telefone para Gil, que escuta durante uns instantes, prestando atenção. Finalmente diz:

- Eu vou conversar com minha irmã...

Escuta mais um pouco e desliga. A família está toda alvoroçada.

- Onde está o Serginho?... ele está bem? - pergunta dona Selma.

- O que foi que ele disse? - quer saber seu Reynaldo.

- O Ruk Pollus disse que ele está bem...

- Ruk Pollus? - Mas essa é uma criatura virtual... - diz seu Reynaldo, perplexo.

- Pois parece que não é tão virtual assim - comenta Gilberto, pensativo.

- Que é que ele quer? - indaga Teca, aflita.

- Ele quer que a gente passe para o lado deles. Quer que a gente faça uma retra...

- Retratação - completa seu Reynaldo.

- É isso... Ele quer que a gente diga no rádio que aquilo tudo que dissemos ontem foi só brincadeira; que as crianças precisam aprender artes marciais; que ninguém pode bancar o palhaço, ser frouxo... tem que bater mesmo, para valer. Ele disse que a gente tem que estimular a violência e fazer propaganda dos filmes de terror e de jogos violentos...

Gilberto suspira, olha de esguelha para os pais e conclui:

- Só assim eles vão soltar o Serginho.

Dona Selma, desesperada, exclama:

- Meu Deus! Em que vocês foram se meter! É claro que vão atender o pedido dele... não é?

Gil e Teca se olham. Entre eles ocorre um estranho fenômeno, como se estivessem vendo e ouvindo Ashtarih, quando disse: - “Imaginem as milhões e milhões de pessoas que lidam com computador... Todas elas com as mentes dominadas, escravizadas por Ruk Pollus... obedecendo cegamente suas ordens”.

Olham para os pais com dó, mas com firmeza. Gilberto responde:

- Nós não podemos fazer o que eles querem.

Seu Reynaldo fica pensativo. Dona Selma, revolta-se.

- Como não podem? Não vêem que é a vida do seu irmão que está correndo perigo?

Gil e Teca estão numa situação difícilíssima. Qualquer que seja sua decisão... será terrível. Teca responde com lágrimas nos olhos e a voz estrangulando-se na garganta.

- Nós não podemos ajudar Ruk a dominar a Terra. Se ele conseguir... vai ser pior que o inferno para bilhões de pessoas.

Os olhos de dona Selma se enchem de lágrimas. Depois de instantes, pergunta:

- O que eles vão fazer com meu filho?

Ninguém responde. O silêncio cai sobre o ambiente com seu peso gelado. Dona Selma abaixa a cabeça para esconder a própria dor.

De repente, Gil levanta, dá um murro na mesa, como a confirmar sua decisão e exclama:

- Nós vamos vencer essa! Eu sei que vamos!... e vocês, papai e mamãe, vão nos ajudar.

- No que está pensando, Gil? - pergunta Teca.

- Estou pensando em dizermos no programa... na rádio... tudo o que está acontecendo.

- Será que isso não vai piorar as coisas para o Serginho? - pergunta dona Selma, aflita.

- É possível - responde Gilberto lentamente.

- Além disso poderia gerar pânico - pondera seu Reynaldo.

- É verdade - exclama Teca. - Precisamos pensar em outra coisa.

O silêncio volta a ocupar a sala com sua presença aflitiva. Depois de alguns minutos, Teca dá um pinote, exclamando:

- Eu tenho uma idéia. Vamos nos concentrar... todos nós. E pelo pensamento, ajudar o Serginho.

- É isso mesmo – concordam todos.

Instantes mais tarde a família, concentrada, envia vibrações de energia e serenidade ao caçula, pedindo mentalmente ao Criador de todas as coisas para que proteja o garoto.

Capítulo 16

A fuga espetacular

O apartamento, no terceiro andar de um edifício de luxo, dá para uma praça. Serginho, amordaçado e amarrado a uma cadeira, é vigiado por dois grandalhões, cheios de músculos e pouco cérebro. A janela aberta deixa entrar ruídos de fora.

Serginho fecha os olhos por instantes, procurando acalmar-se. Lembra-se, de repente, de um exercício respiratório para relaxar, que sua mãe lhe havia ensinado, quando ia fazer uma prova difícil.

Como era mesmo? Inspirar calma e profundamente, segurar os pulmões cheios por instantes, soltar lentamente o ar até o fim, segurar um pouco os pulmões vazios e inspirar novamente. Tudo isso, acompanhado de um comando mental de relaxamento.

Sem mais delongas, inicia o exercício.

Lá pela quarta respiração começa a perceber vagamente que de algum lugar lhe chega apoio, ajuda, em alguma forma que não consegue explicar. Sente-se mais sereno, tranquilo, e a inspiração flui com clareza, permitindo elaborar um plano.

De repente dá um gemido... em seguida outro, contorcendo-se um pouco. Os vigias olham um para o outro. Um deles levanta e se aproxima.

- Que é moleque? Tá com dor de barriga, é?

Serginho tenta falar mas a mordaca não deixa. O homem retira a mordaca enquanto vai dizendo:

- Olha, aqui, ô... Zézinho! Se gritar, vai levar uma chapuletada, que vai te deixar com o nariz torto.

- Eu não vou gritar, não... Eu tô com dor de barriga - diz o menino, num gemido.

- Tá bom... Te levo no banheiro, mas a porta fica aberta. Nada de gracinhas, entendeu?

O grandalhão desamarra Serginho e o acompanha ao banheiro. Ao voltar, o garoto fala tranquilamente, como quem não quer nada.

- Não precisa vocês me amarrarem. Eu sou criança... que é eu posso fazer de mal a vocês?

Os dois se olham, sentindo seu orgulho ferido. Um deles diz:

- A ordem do chefe é deixar o pivete amarrado e amordaçado.

Serginho fala com ar inocente, mas com leve timbre de sarcasmo.

- Até parece que vocês estão com medo de mim.

Os grandalhões ficam incomodados com essa idéia. Serginho continua olhando para eles com o ar mais inocente do mundo. Um deles, coçando atrás da orelha, diz:

- É... Até parece que a gente está com medo dele.

Olham-se, pensam por instantes e decidem.

- Tá bom, moleque... Mas nada de gracinhas!

Enquanto isso, embaixo, na praça, um homem igualzinho a seu Timón acaba de discar um número num orelhão. Quando atendem, pergunta:

- É do Corpo de Bombeiros?

Em cima, no apartamento, Serginho concentra-se discretamente e a canetinha aparece em sua mão. Segura-a com firmeza e continua concentrado. Sua cara vai ficando engraçada... muito engraçada. Olha para os dois homens e eles começam a rir. Faz algumas expressões mais engraçadas ainda. Os homens riem cada vez mais, até se contorcerem e perderem o fôlego de tanto riso. O garoto pula da cadeira e sai correndo para a porta. A chave está na fechadura e ele a abre saindo para o hall. A porta que dá para a escada está trancada.

Os grandalhões, ainda tentando parar o riso, saem no seu enalço e ele se esconde ao lado da porta. Quando eles passam, coloca-se às costas de um deles, bem pertinho. O outro diz:

- Você procura no apartamento. Ele pode ter se escondido lá. Eu vou chamar o elevador.

Serginho volta para o apartamento sempre às costas do homem. Quando ele entra num dos quartos o garoto corre silenciosamente para outro e sobe no batente da janela. Olha para baixo e um arrepio lhe percorre a espinha. Se cair...

O grandalhão, vasculhando o apartamento, aproxima-se do quarto onde ele está. Vai já encontrá-lo. Não tem outro jeito. Procurando não olhar para baixo, vai descendo o corpo para fora até seu pé alcançar uma minimarquise, da largura de uns 30 centímetros que circunda o prédio. Com muito cuidado vai se afastando da janela. Aos poucos chega no canto do prédio e consegue circundá-lo chegando até outra janela. Está fechada.

- E agora? - pergunta a si mesmo. - Quando eu cansar e não conseguir mais me segurar...

A situação é crítica e o medo começa a querer infiltrar-se. De repente lembra:

- A canetinha!

Concentra-se e ela reaparece em sua mão.

- Energia... estou precisando de energia.. muita energia... - diz mentalmente.

O cansaço passa rapidamente e uma gostosa onda de energia circula por seu corpo. Lá dentro, os homens gritam,⁵⁵enfurecidos.

- Onde é que esse pivete se meteu?... será que não escapou pela janela?
- Ficou doido, é?
- De qualquer forma eu vou olhar.

Serginho ouve o sujeito abrindo a janela e, em seguida, sua risada irônica.

- Olha só o passarinho... Que gracinha!

O outro também chega à janela e estende as mãos para agarrá-lo.

- Venha cá, seu moleque... venha cá... Ou quer sair voando?

Serginho olha as caras irônicas dos dois homens estendendo as mãos para pegá-lo. Com muito cuidado olha para baixo e observa que os bombeiros estão trazendo uma rede. Dá uma alegre risada para os dois e diz com ar inocente:

- Sair voando? Até que é uma boa idéia.

Continua olhando os homens com ar de zombaria. Com o canto do olho percebe que a rede já está bem embaixo. Um dos grandalhões passa a perna para fora da janela, estendendo a mão em sua direção. Quando sua manopla já vai alcançá-lo dá uma risada e pula, caindo na rede sem maiores problemas. Os dois homens ficam de boca aberta, olhando um para o outro, sem saber o que dizer.

Quem estende a mão para tirar o garoto da rede é o mesmo homem que chamou os bombeiros.

- Seu Timón? - exclama Serginho, feliz com o reencontro.

O homem ri, um riso irônico, e fala como se nunca tivesse ouvido esse nome.

- Timón?... É um nome interessante.

- Mas o senhor não é virtual? Como é que pode estar aqui?

Aproxima-se o oficial que está no comando dos bombeiros.

- Que foi que aconteceu?

- Ele foi seqüestrado, responde o homem.

Olham para cima. Os grandalhões ainda estão na janela, pasmos, com uma tremenda cara de idiotas. Ao perceberem que foram vistos entram rapidamente, dispostos a fugir. O oficial parte para tomar providências.

Serginho olha para seu Timón, como quem diz: o senhor não me engana.

Minutos mais tarde o garoto é deixado em casa, para alívio e alegria da família

Enquanto isso em sua nave, Ruk, furioso, dá murros no ar, chuta objetos, quebra outros. Aos poucos vai se acalmando. Por sua expressão dá para ver que está tramando algo importante. De repente, toca uma sineta, chamando seus asseclas.

Capítulo 17

A desforra de Ruk Pollus

No dia imediato vamos reencontrar os Praxedinhos no estúdio da rádio, já no final do programa. O operador coloca uma música suave, muito bonita, tocada no violão com som das ondas do mar quebrando nos rochedos e os gritos das gaiivotas. Teca fecha os olhos, concentrada. Em sua mão aparece a pedrinha cor-de-rosa. Fala com voz serena:

- Durante esta música vamos concentrar o pensamento no amor... não só pensar mas sentir amor, carinho, bem-querer pelos nossos familiares, nossos vizinhos... pelos conhecidos... e também pelos desconhecidos... Vamos amar a natureza... amar a Terra, nosso planeta.

Enquanto Teca fala um raio de luz cor de rosa circula em torno dela, penetra no microfone e se irradia através das antenas da emissora. Gilberto e Serginho observam o fenômeno e percebem que o locutor e o operador estão impassíveis. Eles não viram a luz mas por suas expressões dá para ver que estão tentando sentir amor, conforme a indução feita por Teca, reforçada pela música.

Quinze minutos mais tarde os “Praxedinhos” chegam em casa, envolvidos na alegria de estarem contribuindo efetivamente na luta contra Ruk Pollus e suas intenções maléficas. Estranham encontrar a porta aberta. Entram, chamando pela mãe, mas tudo está silencioso. Ninguém em casa. Vão até o computador e o encontram ligado. Na tela, a figura de Ruk com um sorriso sarcástico, apontando o dedo para um desenho da tecla “enter”. Gil clica sobre o desenho e a tela muda, aparecendo a imagem de seu Reynaldo e dona Selma congelados, dentro de gavetões ou esquifes. Os três gritam apavorados. Gil tenta passar para outra página, mas o computador desliga-se sozinho.

As crianças olham umas para as outras, fazendo um grande esforço para segurarem as lágrimas. Não podem perder o equilíbrio.

- O que vamos fazer agora? - pergunta Serginho.

Gil pensa um pouco.

- Vamos telefonar para o papai.

Liga para o trabalho do pai, onde lhe dizem que ele não foi trabalhar. Essa informação cai sobre eles com peso de⁵⁷ameaça. E agora?

De repente, Gil toma uma decisão. Fala, meio engasgado.

- Vamos ao IML

Teca leva um susto. IML?... para onde são levados os cadáveres para serem dissecados... onde são colocados em geladeiras?

Essa idéia é pesada demais para ela, que desaba no choro. Serginho, não muito consciente do que isto pode significar, pergunta:

- Vamos fazer o quê no IML?

- Ver se eles... não estão lá - responde Gil, a custo.

Teca, com a fala entrecortada pelo choro, reclama:

- Você está louco, Gil? Não diga uma coisa dessas... nem brincando.

Gilberto, mesmo com muita pena da irmã, não vê outra solução a não ser enfrentar a realidade, seja ela qual for. Respira fundo e fala com carinho mas com firmeza.

- Eles estavam num gavetão... congelados... A gente tem que ir...

- Eu não vou - diz Teca num fio de voz. - Não tenho coragem.

-Teca... Tem que ser os três - diz Gilberto carinhoso, mas firme. E vendo o estado de angústia da irmã, percebe que precisa agir com mais cautela. Procura imaginar como seu pai agiria numa situação daquelas e fala de forma descontraída.

- É claro que eles não estão lá, maninha! Fique tranqüila!... Mas de qualquer forma a gente tem que checar... por descargo de consciência, entende?

Teca acalma-se um pouco e os três saem de casa trancando a porta com cuidado.

Capítulo 18

Desespero e esperança

No IML tudo cheira a morte. As crianças estão angustiadas e nem Serginho consegue amenizar esse estado de espírito com a alegria que lhe é natural. É como se ela também tivesse sido congelada junto com os pais.

Seguem por vários corredores, conduzidas por um funcionário. Descem escadas e finalmente chegam ao setor das geladeiras. O ambiente pesa em suas emoções, como se sentissem o sopro da morte percorrendo aqueles corredores. Teca luta desesperadamente contra o medo e o horror, repetindo para si mesma o tempo todo: “eu tenho que ser forte”.

O funcionário abre uma larga porta e fala a outro que se encontra no interior, acabando de fechar um gavetão.

- Ô Mundim... Estas crianças estão procurando os pais. Mostra os dois corpos que chegaram há pouco.

Mundim olha para eles com frieza e má vontade. Vai até um gavetão e abre num gesto teatral.

- Essa aqui é a mulher...

Os “Praxedinhos” sentem como se alguma coisa quebrasse dentro deles. A frieza e um certo cinismo daquele homem numa situação tão terrível, tão angustiante e dolorosa como essa que estão passando, mexe com seus sentimentos.

Serginho tem os olhos arregalados e cheios de lágrimas. Teca quer voltar atrás. Gil está a ponto de sair correndo mas, de repente, sente uma onda de tranqüilidade invadi-lo. Mais senhor de si, pega a irmã pelo braço com carinho, mas com firmeza.

- Venha mana. A gente tem que ser forte. Vem Serginho.

Os três se aproximam da gaveta aberta, sem coragem de olhar. O funcionário diz de forma grosseira:

- Como é?... Não tenho o dia todo pra ficar esperando.

Gil engole a revolta pela atitude desumana daquele homem, respira fundo e vai olhando devagar. De repente arregala os olhos e fala rindo e chorando ao mesmo tempo.

- Não é a mamãe... Olha, não é a⁵⁹mamãe...

Oh, alívio! Os três riem chorando, um riso respeitoso pela presença da morta. De repente Teca fica tensa e pergunta, quase sem voz:

- Gil, você tem certeza que não é a mamãe?

- Claro que não é ela. Olha!

Teca vai levantando a cabeça devagar, mas desiste de olhar.

- Precisa não, Gil... Vamos embora daqui.

- Falta ver o homem, lembra Serginho.

Uma nuvem de medo volta a cobrir suas feições. Desta vez eles vão com mais coragem. O funcionário abre outra gaveta. Ainda é Gil quem olha, falando com alívio na voz.

- Não é ele.

- Ah, graças a Deus!... Não são eles - exclama Teca, enquanto Serginho enxuga as lágrimas, procurando recompor-se. De repente pergunta:

- Será que eles já não estão em casa?

Os três olham-se com expressão de esperança e partem correndo.

Capítulo 19

Ultimato de Ruk

Os “Praxedinhos” chegam em casa, esbaforidos, transitando entre a aflição e a esperança.

- Mamãe! Papai!
- Mainhê... Cadê você.
- Mãezinhaaa...

Conforme percorrem a casa suas expressões vão ficando desalentadas. Nada dos pais. Como se fosse de comum acordo dirigem-se para a sala do computador, encontrando-o ligado. Na tela novamente a imagem de seus pais congelados. Teca dá um grito e cobre os olhos com a mão. Fica assim por instantes e vai tirando-a devagar.

- Gil... Serginho! - exclama. - Olhem isso!... Isso ai não é um gavetão do IML. É diferente.

- É mesmo... Parece mais uma daquelas urnas de congelar... - confirma Gilberto.

- Como aquelas experiências científicas? - pergunta Serginho.

Os três olham-se, desarvorados.

- Então o Ruk congelou nossos pais - deduz Teca.

Mal acaba de falar aparece na tela a imagem de Ruk, rindo de forma desagradável.

- Vocês acertaram. Seus pais estão em meu poder... geladinhos, geladinhos...

Ri de novo e continua:

- Agora... quanto a salvá-los... é até bem fácil.

No auge da aflição, Teca pergunta:

- O que precisamos fazer?

Ruk vira-se um pouco e mostra num painel a seu lado, entre outros instrumentos, dois tubos verticais paralelos, tipo termômetros, com marcadores luminosos.

- Olhem para isto. Este aqui, da luz azul, é o controle dos esquifes de seus pais, e este outro, da luz vermelha, mede o potencial de Energia Psi Negativa das minhas reservas.

As crianças observam que o marcador de luz azul está na ponta superior do tubo e a vermelha, abaixo da metade. Ruk continua:

- Seus pais só serão soltos quando a vermelha chegar na mesma altura da azul. Entenderam? Isto vai acontecer de forma inteiramente automática. Por isso não contem com nenhum truque. Nem mesmo a própria Fávia poderá ajudar vocês se de repente tiver um surto de fraqueza sentimental.

Ruk dá outra risada desagradável, dizendo:

- Vocês sabem o que devem fazer, não sabem? Usem o seu programa de rádio. Digam que estavam enganados. Que o mundo é realmente mau e quem quer sobreviver tem que entrar nessa onda, tem que ser mais forte e mais sem escrúpulos do que os outros, se não quiser ser engolido. Façam as crianças ficarem revoltadas, odiarem a família, o governo, a sociedade, as religiões... Façam propaganda de jogos violentos...

Ruk faz pequena pausa e fala com teatralidade, mostrando o tubo da luz vermelha.

- Quando essa energia crescer e chegar aqui em cima... seus pais vão ficar livres.

Observa um pouco as reações das crianças e pergunta:

- E então?... Vocês vão salvar seus pais?... ou vão deixar que eles morram aí... congelados... como se fossem dois picolés?

Teca, com os olhos cheios de lágrimas, faz menção de que vai falar, mas Gilberto coloca a mão sobre sua boca e diz com dificuldade:

- Nós vamos pensar.

- Está bem, diz Ruk. Vou dar um prazo a vocês... Duas horas. Nenhum minuto a mais. Daqui a duas horas eu quero a resposta.

E conclui, falando lentamente, como a fixar bem a idéia.

- Pensem bem. A vida de seus pais está em suas mãos.

A tela fica preta e o computador desliga-se sozinho. As crianças estão no auge da aflição mas sabem que não podem entregar-se. Precisam manter calma e serenidade para melhor poderem refletir e decidir o que fazer.

De repente, Gil tem uma idéia. Mentaliza o minimicro e este surge em seu pulso. Ele tecla SOS. Serginho não entende.

- O que significa SOS?

- É um pedido de socorro, esclarece. Ashtarikh vai ter que nos ajudar desta vez.

No monitor aparecem os dizeres:⁶²“Chamem dentro de 30 minutos”.

Capítulo 20

Nos domínios de Ashtarih

Os minutos passam com a lentidão das horas de aflição. Na sala do computador, os três olham ansiosos para o relógio. Para quebrar um pouco aquele silêncio que pesa sobre eles, Teca pergunta:

- Por que será que ela mandou chamar só depois de 30 minutos?

- Não faço a menor idéia - responde Gil.

A conversa não continua. As palavras parecem estar engasgadas nas gargantas.

Finalmente os ponteiros do relógio mostram que é hora de fazer novo contato com Ashtarih. Gilberto concentra-se novamente e o minimicro surge em seu pulso. Ele tecla “contato” e dá enter.

Na telinha forma-se um rodaminho que vai crescendo, extrapolando as dimensões do aparelho. Fica mais e mais forte, ocupando toda a sala. As crianças são sugadas por ele e quando reabrem os olhos estão novamente no grande salão de seu primeiro encontro com Ashtarih. Os camarotes estão também ocupados pelas crianças como da primeira vez. Alto-falantes reproduzem canto de pássaros sobre o som das águas de uma cachoeira. Os⁶³“Praxedinhos” acalmam-se, pouco a pouco.

De repente, a música pára e no meio do tablado, todo enfeitado de flores, surge Ashtarih. Corre os olhos pelos camarotes e fala com entonação muito séria.

- Estamos chegando no ponto mais crítico desta missão. Ruk Pollus está jogando com tudo... é uma luta de vida ou morte.

Um frêmito percorre a assembléia.

- Ele seqüestrou nossos pais - informa Teca, sem poder esperar mais.

- Eles estão congelados - arremata Serginho.

- Nós estamos sabendo de tudo - responde a menina. Foi também por isso que convocamos esta assembléia.

Faz pequena pausa e continua:

- Nós precisamos salvar os pais de vocês... Mas também precisamos salvar a Terra.

Novo frêmito perpassa o grande salão.

Serginho levanta a mão e Ashtarih faz sinal para que fale. A voz tem tons de choro, mas denota firmeza.

- Eu acho que meus pais não gostariam de voltar à vida para encontrar a Terra dominada pelo Ruk.

- Eu também... acho - diz Teca, com dificuldade. - Eles iam preferir... continuar como mortos.

- Concordo - diz Ashtarih. - E acho que todos vocês estão conscientes da seriedade deste momento... e de que não há outra saída: ou vencemos o Ruk, ou ele vai escravizar toda a humanidade, implantando o terror no mundo.

Um calafrio corre pelas costas de todas as crianças, mas, apesar de assustadas, mostram em suas feições que estão dispostas a lutar com todas as forças para salvar a Terra.

Ashtarih corre um longo e penetrante olhar pelos camarotes. Finalmente, diz em tom solene:

- Estou vendo que posso contar com vocês.

As crianças respondem em coro, levantando as mãos.

- Pode contar com a gente.

- Muito bem - diz Ashtarih. E após instantes de silêncio, como quem procura as palavras certas, continua:

- Todos vocês sabem que o Ruk pretende dominar a Terra, através das mentes das pessoas que operam computadores. Se ele conseguir... este planeta vai se transformar num pavoroso cativo. Mas para isso ele precisa aumentar suas reservas de Energia Psi Negativa. Os “Praxedinhos” estão fazendo um programa de paz e fraternidade numa rádio em rede nacional no Brasil, e estão tendo grande audiência. Isto está prejudicando muito as pretensões do Ruk. Foi por isso que ele aprisionou seus pais. Ele acha que as crianças vão atender seu ultimato e usar esse recurso do rádio a seu favor.

Faz pequena pausa e continua:

- Pois bem. Esta batalha não é só dos “Praxedinhos”. É de todos nós. Vocês não acham?

As crianças gritam em coro.

- Podem contar com a gente. 64

[LP3] Comentário: s

- Muito bem. Vamos então traçar os planos para a batalha. Mas, antes, uma observação. O Ruk não pode desconfiar de nada. Por isso ninguém deve falar sobre o assunto, fora daqui.

Capítulo 21

O confronto final

Na hora aprazada, vamos encontrar novamente as crianças em frente ao computador. Teca no meio, Serginho à sua direita e Gil à esquerda. Estão apreensivas e ansiosas. Será que o plano vai dar certo?... E se não der?...

Após alguns minutos de expectativa que lhes parecem uma eternidade, surge na tela a imagem de Ruk.

Teca segura nas mãos, embaixo da mesa do micro, a pedrinha cor-de-rosa. Gil coloca sua mão em cima e Serginho também. Várias crianças entram na sala por trás do computador de forma que Ruk não possa vê-las, trazendo também pedrinhas idênticas à de Teca, que colocam sobre a mesa do micro, em torno dele. Ruk nada percebe e pergunta, com ar irônico:

- E então, crianças... Já tiveram⁶⁵tempo de sentir saudade de seus pais?

- Como é que eles estão? - pergunta Gilberto, para ganhar tempo.

Enquanto Gilberto conversa com Ruk as crianças se colocam em semicírculo, sempre atrás do computador. Dão-se as mãos e, nas pontas, seguram na mão de Gil por um lado e pelo outro na de Serginho. Todas se concentram e suas fisionomias começam a expressar serenidade e amor.

Ruk, sem perceber a armadilha, continua falando com Gil, mas logo começa a dar demonstrações de mal-estar, falando com certa dificuldade:

- Não mandaram lembranças porque estão lindamente congelados... Mas... se vocês me obedecerem ... vão tê-los de volta... intei... inteirinhos... e descon... descon...gelados.

- Tem uma coisa que nós gostaríamos muito que você explicasse, continua Gilberto, já mais aliviado ao observar as reações de Ruk.

- O ... o que... o que é?

- Você sente prazer em ser mau?

- Eu?... pra... prazer?

- É, Ruk. Você sente prazer em ver pessoas sofrendo?

Finalmente Ruk percebe que caiu numa armadilha. Seus olhos ficam esbugalhados, cheios de pavor. Pela primeira vez sente medo. Faz um esforço gigantesco para fugir mas não consegue. Fala, a muito custo.

- Eu... não... que... quero... mo...mo...morrer...

Gilberto, muito impressionado, diz com tom de piedade na voz.

- Pois é, Ruk. Se você tivesse aproveitado essa sua inteligência para ajudar a humanidade, hein? Imagine como seria diferente... Você não estaria morrendo agora. E mesmo que tivesse chegado a sua hora, Ruk, você estaria morrendo cercado de pessoas amigas. E estaria contente por ter sido uma boa presença aqui na Terra. Iria partir, deixando saudades.

O gênio do mal tenta falar mas só sai um ronco surdo de sua garganta. A expressão é de extremo desespero.

- Deu para ver que não vale a pena correr atrás do poder? Que não vale a pena ser mau? - pergunta Gilberto.

A imagem de Ruk afasta-se em efeito zoom, mostrando outras crianças no mundo virtual, atrás dele, em semicírculo, conduzidas pela própria Ashtarih.

Gilberto pensa em como aquele momento é importante, único. Crianças no mundo virtual e no real juntando seus esforços para salvar a humanidade, e o mais interessante é que toda essa ação, essa extraordinária missão realizada de forma tão magnífica, não seria divulgada pela mídia... ninguém saberia, a não ser eles próprios e alguns dos seus pais. Mas isso não tem muita importância. O que vale mesmo é a consciência do dever bem cumprido. Saber que está ajudando a salvar a Terra.

No mundo virtual as crianças colocam suas pedrinhas no chão em torno de Ruk, que já começa a se desintegrar. Ashtarih circula em torno dele observando-o detalhadamente. Vê seu olhar cheio de ódio e desespero, em profundo contraste com as expressões das crianças, cheias de serenidade e amor. Dirigindo-se à garotada no mundo virtual e no real, orienta:

- Vamos continuar nossa mentalização... até que ele se desintegre inteiramente.

No mundo real as crianças⁶⁶passam para a frente do micro e

presenciam através do monitor o final da desintegração de Ruk. Olham umas para as outras, atônitas. Na tela do monitor, Ashtarih aproxima-se até ficar em close.

- Não percam a concentração - recomenda. - Fiquem calmos, haja o que houver. Vamos precisar dessa base de apoio... a Fávia já está chegando.

- E nossos pais? - pergunta Teca.

- Não se preocupem, que vamos chegar lá - responde a menina tranqüilamente, e continua:

- Agora precisamos de serenidade, confiança e, principalmente amor.

No mundo virtual as crianças escondem-se. Fávia entra e estremece ao ver Ashtarih. Sua expressão de susto transforma-se rapidamente em ódio. Traz uma capa longa em tons de vermelho, azulão e preto ricamente bordada e na cabeça uma tiara.

- Ah... até que enfim te vejo cara a cara, sua covarde...

Ashtarih permanece impassível. Em seu rosto, apenas uma leve expressão de piedade. Fala com firmeza.

- A tua carreira de maldades, Fávia, chegou ao fim.

As crianças vão colocando-se atrás dela, em semicírculo, segurando suas pedrinhas cor-de-rosa, concentradas em emoções de bem-querer.

- É mesmo? - pergunta, Fávia com ironia. E continua:

- Pensa que eu tenho medo desses seus truques?... era só o que faltava!

- Ruk era mais inteligente que você. Ele não tinha medo, mas, mesmo assim...

Fávia olha em volta, desconfiada. Por fim pergunta:

- Cadê o Ruk?

- Não existe mais- responde tranqüilamente Ashtarih. - Desintegrou-se... e a energia de que era feito foi absorvida pelos reinos da natureza.

Fávia fica horrivelmente assustada. Percebe que Ashtarih está dizendo a verdade, mas não dá o braço a torcer. Levantando orgulhosamente a cabeça, pergunta:

- Você esquece que eu tenho um trunfo? O casal Praxedes está em meu poder.

- Não queremos um confronto com você, Fávia - diz Ashtarih com carinho.

- O quê? - pergunta, espantada.

Ashtarih continua falando com carinho, mas com segurança.

- É isso mesmo... Nós só queremos que você recupere seu verdadeiro modo de ser... como era antes do Ruk aparecer.

Fávia estremece. Percebe-se que ela está sob o efeito das vibrações de amor que lhe são dirigidas. Ashtarih aproxima-se mais, até quase tocá-la, e diz com emoção e ternura:

- Lembra, maninha?

Fávia estremece mais fortemente. É como se algo quebrasse dentro dela. Por sua expressão passa o grande conflito que lhe fustiga a alma. Aos poucos vai baixando a cabeça e começa a chorar. Ashtarih abre os braços e Fávia atira-se a eles, abraçando a irmã e chorando copiosamente.

- Chora, maninha. Vai lhe fazer bem. As lágrimas vão liberar um pouco dessa energia negativa que você acumulou.

Com a voz entrecortada pelo pranto, Fávia desabafa.

- Que loucura!... Minha vida é uma porcaria. Eu não valho nada, Ashtarih!
- Claro que vale, maninha. Você apenas se deixou seduzir pelo poder.
- É verdade. Se eu pudesse começar tudo outra vez...

Ashtarih afasta um pouco a irmã, levanta-lhe o rosto e diz com segurança:

- É só você querer.

Fávia ergue os olhos num misto de esperança e desespero.

- Eu vou te ajudar, maninha – promete-lhe a irmã.

E, correndo os olhos pelas crianças, conclui:

- E elas também... tenho certeza.

As crianças aproximam-se, ainda espantadas com o ocorrido. Uma delas segura na mão de Fávia.

- Se eu puder ajudar... pode contar comigo.

As outras crianças também se manifestam:

- Comigo também...

- Pode contar com a gente.

Fávia baixa os olhos, envergonhada de suas anteriores posturas. Também está profundamente emocionada. As crianças afastam-se um pouco e Ashtarih, de forma intencional, retira de sua cabeça a tiara, deixando-a cair no chão. Em seguida retira-lhe com ambas as mãos a capa, como se fora num ritual, deixando-a também cair no chão. Todos entendem o significado desse gesto.

As crianças tem os olhos marejados de lágrimas. Ashtarih também. Olha para elas e sorri... um sorriso de gratidão. Abraça a irmã, dá meia volta e a conduz para fora. Ao saírem vão pisando, sem perceber, a capa e a tiara que representavam o poder de Fávia... um poder dirigido para o mal.

No mundo real, os “Praxedinhos” e as outras crianças acompanham tudo pelo monitor do micro. Estão muito emocionados, com os olhos molhados de lágrimas.

De repente, a tela fica escura. Gil tenta teclar, mexe no mouse e, nada.

Será que ela se esqueceu dos nossos pais? - pergunta Teca.

- Não pode ser - responde Gilberto, começando a ficar preocupado.

- E agora, que vamos fazer? - pergunta Serginho.

Gil olha o relógio e dá um pulo.

- Faltam 10 minutos para o programa...

- E nós vamos...? - indaga Teca espantada.

Gilberto pensa um pouco e diz com segurança:

- Vamos sim... Ashtarih vai cuidar deles... Podem ter certeza.

Capítulo 22

Há esperança para o nosso planeta

Logo mais os “Praxedinhos” estão no estúdio, em frente aos microfones. Gil, preocupado com os pais, consulta o minimicro. Está às escuras. Toca no monitor. Este se ilumina e dele parte um feixe de luz que se reflete na parede em frente, bem ao lado da janela de vidro que separa o estúdio da sala de controle, formando uma estranha tela que, obviamente, não é vista pelo operador. Nessa tela surge a imagem de seu Reynaldo e dona Selma enrolados em cobertores e seu Timón dando-lhes algo quente para beberem. Ao lado, os esquifes onde estiveram congelados.

As crianças, aliviadas, comemoram, felizes.

- Mamãe!... papai! - grita Teca, exultante, olhando para a imagem dos pais.

- Eles estão livres... estão livres! - exclama Serginho no auge do contentamento.

Gilberto suspira aliviado.

Na sala de controle o operador arregala os olhos, espantado. Ele sabe que no estúdio não há mais ninguém, além dos três “Praxedinhos”. Pega o telefone e liga.

- Seu Duarte, parece que as crianças endoidaram... Acho bom o senhor vir aqui.

Quando seu Duarte entra na sala de controle vê as crianças pulando de mãos dadas, olhando felizes na direção da parede do estúdio.

Os três param de pular e Serginho acena em direção às imagens na parede, dizendo:

- Oi, seu Timón... traz eles logo. A gente está morrendo de saudade... do senhor também.

- Viu, seu Duarte? - diz o operador. - Estão doidos. O que eu faço?

Seu Duarte bate com os nós dos dedos no vidro. As crianças olham para ele e levantam os polegares em sinal positivo, voltando para seus lugares. Com expressão resignada, diz:

- Seja o que Deus quiser. Bota no ar... vamos ver no que vai dar.

A música que estava tocando vai⁶⁹chegando ao fim e o operador prepara-se

para abrir o programa das crianças, com ar muito preocupado. Seu Duarte arranca um fio do próprio cabelo, gesto que faz quando está tenso. Gilberto, dirigindo-se às imagens refletidas na parede, promete.

- Nós vamos fazer um programa bem legal. É em homenagem a vocês.

Com isso, a tensão aumenta na sala de controle. O operador bota no ar a música de abertura de “Os Mensageiros de Ashtarih”. Seu Duarte começa um gesto para mandar sustar mas desiste ao ver as crianças voltando suas atenções para o trabalho. O operador baixa o volume e faz sinal para Gil, que diz:

- Boa tarde, ouvintes de todo o Brasil. Os Mensageiros de Ashtarih estão no ar.

- Hoje é um dia muito especial para nós... e também para você que nos escuta - diz Teca.

- É isso mesmo - fala Serginho, por sua vez. - Ashtarih e seus mensageiros conseguiram uma grande vitória contra Ruk Pollus.

Gil e Teca olham para o irmão com ar de reprovação, porque esse assunto não deve ser divulgado. Serginho faz um gesto de quem se desculpa. Seu Duarte, a essas alturas, arranca um punhado de fios de cabelo. O operador rói as unhas de uma das mãos. A outra está pronta para tirar os “Praxedinhos” do ar. Olha para seu Duarte, como a esperar essa ordem, mas Gilberto, sem nada perceber e com muita presença de espírito, conserta a leviandade do irmão, dizendo:

- Realmente, hoje nós tivemos a notícia de que milhares de crianças em toda parte estão trabalhando por um mundo melhor. São crianças que entenderam que é preciso acabar com essa cultura da violência que tomou conta da Terra.

Gil olha para o irmão, passando-lhe a palavra e desta vez Serginho dá o recado muito bem dado, dizendo:

- Será que não dá para a gente se divertir de forma pacífica? Será que essas pessoas que fazem filmes, que fazem jogos eletrônicos precisam botar violência neles? Pois eu acho que tem muita coisa boa, muita diversão gostosa sem essa de machucar, bater, quebrar, explodir... e matar.

Dois suspiros na sala de controle dão conta do alívio de seu Duarte e do operador, ao verem que as crianças não estão doidas, pois estão se saindo muito bem. Agora é a vez de Teca dar seu recado:

- Os Mensageiros de Ashtarih, de todo o planeta, querem que os adultos reaprendam a viver... a viver em paz e a respeitar os direitos dos outros. Que façam um mundo bom para todos.

Os três irmãos capricham no programa conforme promessa de Gil a seu Timón e aos pais. Seu Duarte não arreda pé, sorrindo satisfeito, eufórico, e às vezes até mesmo emocionado. No encerramento o operador coloca um CD, onde se ouve apenas gorjeios de pássaros e o som de uma cachoeira. Teca fecha os olhos e concentra-se. Em sua mão aparece a pedrinha cor-de-rosa. Sua expressão se torna suave e ela fala com pequenas pausas entre os parágrafos, nas quais só se ouve a cachoeira e os pássaros.

“Imagine que você está no meio da mata, junto de uma cachoeira. Ouça o canto dos passarinhos e o som da água.

Vamos concentrar nosso pensamento na paz, porque o mundo está precisando dela. Mas não é só pensar... é também sentir a paz.

Vamos sentir amizade, bem-querer. Desejar paz e fraternidade para nossos familiares, nossos vizinhos, nossos conhecidos... e também para os desconhecidos.

Vamos amar o nosso planeta, o nosso mundo azul, que é tão lindo. Amar as pessoas, a natureza... tudo.

Os Mensageiros de Ashtarih desejam ao mundo paz, justiça, respeito e... fraternidade.”

Enquanto Teca fala uma luz cor de rosa surge sobre seu peito, à altura do coração, e circula em torno dela. Penetra no microfone e chega às antenas da emissora, formando belos efeitos à luz do sol poente.

Ashtarih e Fávia, na base espacial do Comando Solar observam num monitor o desenrolar do programa. Sorriem felizes ao observarem a luz cor de rosa irradiando-se através das antenas da emissora em todas as direções, alcançando milhões de corações desejosos de amor e paz.

Seu Duarte, habitualmente tão calculista, emociona-se com as palavras de Teca. Só percebe que o programa já terminou quando as crianças irrompem na sala com sua alegria juvenil, pegando-o com os olhos marejados de lágrimas.

- Que foi, seu Duarte - pergunta Serginho impulsivamente. - O senhor está triste?

- Nada!... bem ao contrário – responde o homem. - Pela primeira vez na vida estou achando que há esperança para o nosso planeta.

As crianças partem alegremente, apostando entre si se já irão encontrar os pais em casa ou se terão de esperar por eles. Mas todos concordam em que devem preparar o jantar e depois lavar a louça e arrumar a cozinha e, dessa vez, chegam a um acordo sem briga na divisão das tarefas.

FIM